



**UNIFESSPA**

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
FACULDADES DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

SABRINA SANTOS DA SILVA

**EGOCENTRISMO INFANTIL NA CONCEPÇÃO PIAGETIANA: UMA ANÁLISE A  
PARTIR DOS FILMES A FANTÁSTICA FÁBRICA DE CHOCOLATE E TENTAÇÃO  
FATAL**

MARABÁ  
2020

SABRINA SANTOS DA SILVA

**EGOCENTRISMO INFANTIL NA CONCEPÇÃO PIAGETIANA: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS FILMES A FANTÁSTICA FÁBRICA DE CHOCOLATE E TENTAÇÃO FATAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Educação da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador(a): Profa. Dra. Terezinha Pereira Cavalcante.

MARABÁ  
2020

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Biblioteca Josineide da Silva Tavares da UNIFESSPA. Marabá, PA**

---

Silva, Sabrina Santos da

Egocentrismo infantil na concepção piagetiana: uma análise a partir dos filmes a fantástica fábrica de chocolate e tentação fatal / Sabrina Santos da Silva; orientadora, Terezinha Pereira Cavalcante. Marabá : [s. n.], - 2020.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Ciências da Educação, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, 2020.

1. Educação – Marabá (PA). 2. Psicologia infantil - participação do cidadão. 3. Pesquisa educacional – planejamento. I. Cavalcante, Terezinha Pereira, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 370.78

SABRINA SANTOS DA SILVA

**EGOCENTRISMO INFANTIL NA CONCEPÇÃO PIAGETIANA: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS FILMES A FANTÁSTICA FÁBRICA DE CHOCOLATE E TENTAÇÃO FATAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Educação da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Data de aprovação: Marabá (PA), 15 de dezembro de 2020.

Banca Examinadora:

---

Profa. Dra. Terezinha Pereira Cavalcante  
Orientadora

---

Profa. Dra. Hildete Pereira dos Anjos  
Examinador

---

Prof. Dr. Walber Chirstiano Lima da Costa  
Examinador

Dedico este trabalho à minha querida irmã caçula Maryanny que está todos os dias comigo, lembrando-me das travessuras de ser criança e a doçura de poder viver a infância.

Aos meus futuros alunos, espero poder contribuir no processo de aprendizagem de cada um deles.

À Anne Frank e a todas as crianças e adolescentes, que foram vítimas da violência, do ódio e da desumanidade, que tiveram seus sonhos interrompidos e o direito de viver, ceifados.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus e a todas as forças da natureza pela energia e coragem que me deram para ir atrás do meu sonho de me tornar pedagoga com o objetivo de contribuir para a formação intelectual e moral de todas as crianças que chegarem a mim.

A toda minha família que sempre me apoiou e me ajudou nos meus estudos e que nunca me deixou desistir da minha caminhada rumo a minha formação acadêmica.

A minha orientadora professora Terezinha Pereira Cavalcante que tanto me ensinou em suas aulas a enxergar como é a realidade socioeducativa da nossa sociedade e também nos ensinou a compreender o universo da criança em sua totalidade. Agradeço também por ter aceito ser minha orientadora, por ter guiado e orientado meus passos até a conclusão deste trabalho.

A todos os professores do curso de Licenciatura em Pedagogia por acreditar nos seus alunos e incentivá-los a nunca desistir de uma educação para a vida, para lutar pelo ensino público gratuito, de qualidade que liberte o país das injustiças e opressões que assolam as minorias.

A ExNEPe por ter me dado companheiras de luta tão fortes e inspiradoras tais como Tina, Kézia e Jessica, e também por ter contribuído tanto na minha formação humana, política e social.

Às minhas amigas de turma Lenny Carvalho e Patrícia Rocha que estiveram comigo desde o início do curso e me fizeram tão feliz durante a nossa formação e que com toda certeza serão para sempre minhas amigas da Pedagogia.

Às minhas amigas Katiane Silva e Milena Daiara que sempre estiveram comigo durante o curso e durante este trabalho trocando ideias, conhecimentos e me apoiando em cada passo, sou imensamente grata pela amizade de vocês.

Em especial a minha prima Natalia que durante toda minha vida esteve comigo e não poderia ter sido diferente durante este trabalho. Obrigada por todo o apoio e carinho sempre.

À todos os meus amigos que apoiaram-me nesse projeto. O meu muito obrigada!

“Foi assim que abandonei, aos seis anos, uma promissora carreira de pintor. Fora desencorajado pelo insucesso do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2. As pessoas grandes não compreendem nada sozinhas, e é cansativo, para as crianças, ficar toda hora explicando...”

(SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 11)

## RESUMO

Este trabalho de pesquisa constitui-se numa análise de relações da violência na perspectiva fílmica a partir da perspectiva de Jean Piaget em relação ao egocentrismo infantil, onde o objetivo geral visa analisar se o egocentrismo infantil pode interferir nas relações sociais entre as crianças, adolescentes e adultos no contexto escolar. Para realização deste trabalho optou-se por uma metodologia de abordagem qualitativa, no qual a pesquisa bibliográfica e as análises fílmicas, foram importantes para a obtenção dos resultados encontrados. Os resultados das análises apontam que o egocentrismo infantil, na maior parte dos casos, interfere nas relações sociais entre os indivíduos, podendo até mesmo evoluir para a violência física. O resultado das análises dos filmes “A fantástica fábrica de chocolate” e “Tentação fatal” confirmam as discussões levantadas sobre a teoria piagetiana e a hipótese inicial de que o egocentrismo leva alguns indivíduos a entrarem em conflito. Em “A fantástica fábrica de chocolate” o egocentrismo infantil é presente em quase todos os personagens, porém ele é mais evidente nas falas das crianças, onde foi percebido que poucas vezes o egocentrismo evoluiu para algo maior como um conflito agressivo entre os personagens, diferentemente do filme Tentação fatal.

**Palavras-chave:** Violência escolar. Egocentrismo Infantil. Relações sociais.

## **ABSTRACT**

This research work consists of an analysis of violence relations in the filmic perspective from Jean Piaget's perspective in relation to child egocentrism, where the general objective aims to analyze whether child egocentrism can interfere in the social relations between children, adolescents and adults in the school context. To carry out this work, a qualitative approach methodology was chosen, in which bibliographical research and film analysis were important to obtain the results found. The results of the analyzes show that child egocentrism, in most cases, interferes in social relationships between individuals, and may even evolve into physical violence. The results of the analysis of the films "The fantastic chocolate factory" and "Fatal temptation" confirm the discussions raised about Piaget's theory and the initial hypothesis that egocentrism leads some individuals to conflict. In "The fantastic chocolate factory" children's egocentrism is present in almost all the characters, however it is more evident in the children's speeches, where it was noticed that seldom did the egocentrism evolve into something bigger like an aggressive conflict between the characters, differently from the film Fatal temptation.

**Keywords:** Violence. School scope. Child Egocentrism. Social relationships.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Pôster do filme.....	44
Imagem 2 – Segundo filme.....	45
Imagem 3 – A fala egocêntrica do Príncipe Pondicherry.....	48
Imagem 4 – Augustus Gloop desconhece o compartilhar.....	49
Imagem 5 – A relação da burguesia com o proletariado.....	50
Imagem 6 – Destruir é sinônimo de diversão.....	54
Imagem 7 – Luke ameaça a professora Tingle.....	57
Imagem 8 – A professora desmaia após ser atingida na cabeça.....	58
Imagem 9 – Professora Tingle é mantida presa em sua própria casa.....	60
Imagem 10 – Preparação para tirar as fotos para a chantagem.....	63
Imagem 11 – Leigh Ann altera nota no diário de classe.....	64
Imagem 12 – Violência gera violência.....	65
Imagem 13 – A professora Tingle é empurrada da escada.....	66
Imagem 14 – A aluna se fere em briga com a professora.....	67

## LISTA DE SIGLAS

NEI	Núcleo de Educação Infantil
OMS	Organização mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PNQEI	Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>VIOLÊNCIA ENTRE ALUNOS: DOS CONCEITOS DE CONFLITO E INFÂNCIA A TEORIA DO PENSAMENTO EGOCÊNTRICO DE JEAN PIAGET .....</b>	<b>16</b>
2.1	Falando sobre os variados tipos de violência que envolvem a escola .	16
2.2	Um breve estudo do termo conflito .....	21
2.3	Uma breve análise sobre a concepção de infância.....	23
2.4	A teoria do pensamento egocêntrico na perspectiva de Jean Piaget ...	26
2.5	Compreendendo os estágios do egocentrismo e outras pesquisas sobre o tema.....	32
2.6	Reflexões sobre o papel do educador na mediação de conflitos no ambiente escolar .....	39
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS DE PESQUISA.....</b>	<b>43</b>
3.1	A metodologia aplicada .....	43
3.2	Sobre os filmes escolhidos: O contexto e os personagens.....	44
3.3	A coleta de dados.....	47
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>48</b>
4.1	O egocentrismo infantil retratado no filme: A fantástica fábrica de chocolate.....	48
4.2	A representação do egocentrismo, sociocentrismo e violência escolar no filme: Tentação fatal .....	57
4.3	Contribuições para uma ampla formação nas relações sociais entre as crianças.....	69
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>75</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>78</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em uma sala de aula de um Núcleo de Educação Infantil – N. E. I., do município de Marabá, localizado em uma região considerada periférica pelas classificações sociais de localização urbana, aproximadamente quinze crianças convivem juntas diariamente no período da tarde na sala de aula do Jardim I. A partir do estágio supervisionado, em observações empíricas que foram realizadas (durante o período de abril e junho de 2019), foi possível perceber que as crianças na faixa etária de 4 a 5 anos, vivem em constantes conflitos entre elas durante a maior parte da aula. Alguns eventualmente, foram decorridos de atitudes e falas egocêntricas que na concepção piagetiana é uma característica própria da infância, onde a falta de consciência do “eu” e a percepção do “outro” é o que as levam a atitudes e falas egocêntricas. Partindo desse pressuposto o papel do professor/a na educação infantil não é apenas o letramento do mundo, mais também o processo de socialização para vida.

Tendo em vista a situação colocada, Zabalza (2009, p. 49) estabelece que:

Sei, logicamente, que não existem verdades absolutas e que tudo pode e deve ser discutido. Mas com a mesma convicção teríamos que afirmar que nem tudo o que se faz ou fazemos em Educação Infantil é bem feito. Que devemos, portanto, continuar insistindo em que há certos aspectos que precisamos destacar, enfatizando a sua importância, já que constituem condições básicas para uma Educação Infantil de qualidade.

Nesse sentido, de acordo com o ponto de vista do autor, visando contribuir para a construção de melhores relações sociais entre as crianças da Educação Infantil e de outras etapas da Educação Básica e ainda com os estudos de outros pesquisadores que se interessarem, futuramente, pelo tema proposto e quiserem aprofundar e expandir seus conhecimentos acerca deste tema, é que sentiu-se a necessidade de realizar esta pesquisa para entender como o contexto de violência no âmbito escolar, tem-se mostrado como um grande problema para os educadores lidarem na sala de aula, em outros espaços da escola e no âmbito escolar em geral, e ainda também, compreender como o egocentrismo infantil está relacionado a alguns dos conflitos que acontecem entre os alunos na sala de aula.

Sendo assim, esta pesquisa terá valor significativo para minha formação como futura pedagoga, para a educação e para os profissionais da educação que atuam

nas pré-escolas e que sentem dificuldades na hora de intervir nos conflitos entre as crianças. Dessa forma, sentiu-se necessário pesquisar, estudar e compreender como a violência está inserida no contexto escolar, quais são as características do egocentrismo infantil e quais contribuições pedagógicas podem ser sugeridas para serem usadas na escola.

Segundo o relato oral da educadora responsável pela turma, quando estive com ela na Educação Infantil, os desentendimentos entre os alunos, afetam a sua concentração durante os períodos em que está ministrando sua aula para a turma, pois, ao mesmo tempo que ela ministrava a aula para as crianças, ela também tinha que intervir nos conflitos entre elas. Diante do exposto nos questionamos: como o egocentrismo infantil interfere nas relações sociais entre as crianças da educação infantil? quais são os seus impactos no âmbito escolar? Como o educador pode mediar esses conflitos na sala de aula da educação infantil?

De acordo com esses questionamentos o objetivo geral deste trabalho de pesquisa é apresentar como a teoria piagetiana do egocentrismo infantil relaciona-se com o pensamento egocêntrico dos filmes “A fantástica fábrica de chocolate” e o cenário de violência do filme “Tentação fatal”.

Para alcançar o objetivo geral, utilizaremos os seguintes objetivos específicos:

- Fazer uma análise dos tipos de violência que envolvem o contexto escolar, fazer uma breve análise do conceito de conflito e infância, e relaciona-los com a teoria do pensamento egocêntrico de Jean Piaget e outras teorias acerca do tema.

- Refletir sobre o papel do pedagogo na mediação de conflitos no ambiente escolar.

- Analisar os filmes “A fantástica fábrica de chocolate” e “Tentação Fatal” a fim de constatar se a atitude e a linguagem egocêntrica interferem nas relações sociais entre os personagens dos filmes e quais são os seus impactos no processo de aprendizagem dos mesmos.

- Fazer um breve levantamento de ações pedagógicas que podem ser utilizadas pelo educador na mediação de pequenos conflitos entre os alunos no ambiente escolar e sugestões de como o educador e a equipe pedagógica da escola pode incentivar a socialização entre as crianças.

Para alcançar o objetivo geral e os objetivos específicos desta pesquisa, foram utilizados os seguintes procedimentos metodológico: a pesquisa de abordagem qualitativa, tendo enfoque na investigação de cunho descritivo e exploratório, a

pesquisa bibliográfica, a análise de relações dos filmes que foram analisados e a análise de conteúdo das falas dos personagens, com bases na teoria piagetiana e nos procedimentos metodológicos de pesquisa de Lakatos e Marconi e De Macedo.

O trabalho está organizado em quatro capítulos, no qual o primeiro capítulo, traz como temática um estudo sobre a “Violência entre alunos: dos conceitos de conflito e infância a teoria do pensamento egocêntrico de Jean Piaget” e divide-se em seis subseções que abordam o contexto da violência no âmbito escolar, um breve estudo sobre o termo conflito, uma breve análise do conceito de infância, a teoria do pensamento egocêntrico na perspectiva de Jean Piaget, a compreensão dos estágios do egocentrismo infantil e reflexões sobre o papel do educador na mediação de conflitos na sala de aula.

Na segunda sessão é abordado a metodologia que foi utilizada e está organizado em três subseções que são sobre a metodologia aplicada, sobre os filmes escolhidos o contexto e os personagens e a coleta de dados.

No capítulo de resultados e discussões são descritos, os resultados obtidos com a análise dos filmes, e relacionados com as teorias apresentadas no referencial teórico, por isso o capítulo divide-se em três subseções que são o egocentrismo infantil retratado no filme “A fantástica fábrica de chocolate”, a representação do egocentrismo, sociocentrismo e violência escolar no filme “Tentação fatal” e por último a subseção onde são propostas contribuições para uma ampla formação nas relações sociais entre as crianças.

O último capítulo traz as considerações finais reunindo todos os passos que foram dados para alcançar os objetivos gerais e específicos que foram necessários para chegar nos resultados que foram imprescindíveis para entender como as teorias que foram apresentadas relaciona-se com a prática e como a educação possui sua relevância social para transformar a realidade em que nos encontramos atualmente.

## 2 VIOLÊNCIA ENTRE ALUNOS: DOS CONCEITOS DE CONFLITO E INFÂNCIA A TEORIA DO PENSAMENTO EGOCÊNTRICO DE JEAN PIAGET

### 2.1 Falando sobre os variados tipos de violência que envolvem a escola

Quando fala-se de violência, entende-se que este é um tema que abrange inúmeras derivações. Tema este, que está presente desde o início da formação da humanidade, como relata a bíblia sagrada<sup>1</sup> cristã, sobre o primeiro ato de violência em que Caim, filho de Adão e Eva primeiros habitantes da terra segundo a teoria da criação, mata o irmão mais novo, Abel<sup>2</sup>.

No campo científico, grandes teóricos têm dado suas contribuições para entendermos como a violência ameaça, fere e põe fim a vida daqueles que estão mais vulneráveis perante a qualquer ato de violência. Por essa ótica, Galastri (2019, p. 261) assegura que:

[...] Gramsci confere à noção de violência um lugar político de relações de força em sociedade. [...] Na análise dos diferentes níveis de relações de força em determinada formação social, ele indica o mais elevado como aquele que já adquiriu característica de relação de força “militar”.

Em vista disso, a violência é exercida na maioria das vezes por aqueles que tem maior poder aquisitivo sobre aqueles que possuem pouco ou nenhum poder de aquisição e que vivem as margens da sociedade na linha da pobreza. Nesse sentido, os impactos causados pela violência em todo o mundo, sobretudo a violência sofrida por crianças e adolescentes, segundo o relatório<sup>3</sup> do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF et al, 2019), a previsão para os casos de violência são que:

[...] se as tendências atuais permanecerem, quase dois milhões de crianças e adolescentes serão mortos por um ato de violência até 2030[...]. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a cada 7 minutos, em algum lugar do mundo, uma criança ou um adolescente entre 10 e 19 anos é morto em consequência da violência.

---

<sup>1</sup> A bíblia sagrada é uma coleção de livros escritos há vários séculos, da religião cristã.

<sup>2</sup> Leia a história completa. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/4>. Acesso em: 17 abr. 2020.

<sup>3</sup>Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/educacao-que-protege-contra-violencia>. Acesso em: 17 abr. 2020.

Ainda a respeito da estatística apresentada pelo relatório da UNICEF et al (2019):

O Brasil é o País com maior número de casos de homicídios de adolescentes em todo o mundo, em números absolutos. Entre 2007 e 2017, 109.279 adolescentes entre 10 a 19 anos foram assassinados. Só em 2017, foram 32 mortes por dia[...]. As maiores vítimas são meninos negros – para cada indivíduo não negro que sofreu homicídio em 2017, aproximadamente 2,6 negros foram mortos - de baixa renda e que habitam as periferias urbanas[...].

De acordo com os dados apresentados pelo relatório da UNICEF et al (2019), ressaltamos a importância de darmos atenção a problemática da violência contra a criança, no qual ano após ano tira a vida de milhares de crianças e adolescentes no mundo e no Brasil. A violência também está presente na escola, desde as crianças que frequentam a pré-escola até os maiores níveis da Educação Básica.

Como o tema de pesquisa deste trabalho, além de falar sobre o egocentrismo infantil, também objetiva compreender como a violência está instituída no ambiente escolar, faz-se necessário entender que os pequenos conflitos entre os alunos na sala de aula estão dentro da violência que envolve todo o contexto escolar. A partir da compreensão dos pontos colocados, é importante evidenciar o que se entende por violência escolar. De acordo com Ristum (2010, p. 79):

A violência escolar se expressa em várias modalidades: violência entre alunos, violência de aluno contra professor, da escola e do professor contra o aluno, entre profissionais da educação do sistema de ensino contra a escola e o professor, do funcionário contra o aluno, do aluno contra o patrimônio da escola (depredação) e outras.

De acordo com as formas de manifestação da violência escolar, apontadas pela autora, a que mais chama atenção quanto a esse aprofundamento teórico que está sendo feito nesta pesquisa sobre essa temática, é a violência que acontece entre os alunos.

Nessa perspectiva, visto que a violência entre os alunos ocorre nas relações interpessoais que eles estabelecem na escola. De Assis e Marriel (Krug et al, 2002, apud De Assis e Marriel, 2010) afirmam que existe a violência interpessoal e que a mesma se caracteriza como ação de violência de uma pessoa contra outra, podendo esta ser vivenciada em ambiente familiar ou comunitário, bem como em outros

espaços de convivência social e o espaço da escola constitui-se como um espaço diário de convivência social.

Grande parte da violência presenciada pelos educadores nas salas de aulas das instituições de ensino, são geradas a partir de pequenos conflitos entre os próprios alunos, nesse contexto, muitos alunos apresentam indisciplina e agressividade.

As concepções de violência apresentadas, estão colocadas do ponto de vista da sociologia, psicologia e psicanálise, dessa forma elas se divergem e cada uma traz suas particularidades a respeito da concepção de violência.

Conforme as reflexões sobre a violência e suas manifestações na escola, De Assis e Marriel (2010, p.46) apontam que:

A agressividade é um impulso nato, essencial à sobrevivência, à defesa e à adaptação dos seres humanos (Freud, 1980). É um elemento protetor que possibilita a construção do espaço interior do indivíduo, promovendo a diferenciação entre o 'Eu' e o 'Outro'.

As definições apontadas pelos autores mostram que a agressividade é uma característica da violência, presente na vida dos indivíduos e que pode se manifestar de acordo com a situação em que este está inserido. Sendo assim, quando um aluno demonstra agressividade no ambiente escolar ao receber um ato de violência física ou psicológica que tenha ferido a sua moral, por parte de outro aluno da mesma escola, ele está utilizando a agressividade como mecanismo de defesa.

Muitos casos de violência na escola têm causas decorridas da indisciplina escolar. De acordo com Bourdieu e Passeron (2009) a indisciplina do ponto de vista dos agentes escolares, mostra-se como uma justificativa para excluir alunos de uma educação qualificadora, visto que, por serem indisciplinados a ação pedagógica não deve se preocupar em fazer com que esses alunos avancem nos estudos, no seu desenvolvimento pessoal como ser humano de direitos e deveres, contribuindo para a reprodução da violência simbólica<sup>4</sup> no sistema de ensino.

---

<sup>4</sup> Termo social definido por Pierre Bourdieu para explicar a reprodução a partir das ações do poder simbólico da classe dominante como cultura legítima por meio da escola. Para uma compreensão mais abrangente da teoria leia o livro "A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino" de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron. BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Tradução de Reynaldo Bairão. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

Dessa forma, Bourdieu e Passeron (2009, p. 119) afirmam que “[...] com a evolução da composição social do público escolar, o mal-entendido terminaria por tornar-se intolerável [...]” e para completar o ponto de vista dos autores retomam a ideia de que:

O mal-entendido que assedia a comunicação pedagógica só permanece tolerável na medida em que a Escola é capaz de eliminar os que não preenchem suas exigências implícitas e em que ela consegue obter dos outros a cumplicidade necessária para o seu funcionamento. (BOURDIEU e PASSERON, 2009, p. 130)

Como explicitado pelos autores, a escola tem reproduzido aos seus alunos a violência simbólica, no qual os alunos mais bem sucedidos, segundo as imposições dos sistemas de ensino, serão aqueles que mantêm a disciplina, a cumplicidade com o conservadorismo moral e a conduta desprovida de rebeldias e posicionamentos contrários, aqueles que a classe dominante tem colocado como cultura legítima.

Quanto a violência sofrida pelas crianças na escola, Dos Santos e Ferriani (2009) apresentam um estudo sobre a violência institucional em creches e pré-escolas sob a ótica das mães, e a partir dos resultados obtidos, Dos Santos e Ferriani (2009, p. 46) concluem que:

Da população de mães estudadas, 23,9% afirmam que existe violência contra a criança e, destas, 50,0% freqüentam a creche num período de tempo igual ou menor que 1 ano. As demais variaram entre 2 e 5 anos. Desse modo, pode-se afirmar que a proporção de crianças que não sofreu violência na creche pode ser considerada estatisticamente significativa, quando comparada às que já sofreram, independente do tempo de frequência na creche ( $p= 0,95$ ). Esse fato não minimiza o problema, apenas vem colocar em destaque a qualidade do serviço prestado e levantar questionamentos com relação ao alcance dos objetivos da educação infantil.

A partir dos dados apresentados pelas autoras, apesar de a educação no Brasil ter conseguido dar seus primeiros passos rumo a uma educação de qualidade, ainda falta muito a ser feito para erradicar a violência na escola sofrida pelos alunos, pelo corpo docente e por todos que fazem parte dos sistemas de ensino. A educação ainda enfrenta dificuldades em reunir escola, família e os órgãos gerais responsáveis pela gestão da educação no país, para levantar propostas de intervenção que visem a erradicação da violência na escola, tendo em vista que para mudar essa realidade todo o sistema capitalista teria que ser mudado e substituído, pois sabe-se que o

capitalismo é um dos maiores causadores de violência entre povos no mundo, e os impactos dessa violência são sentidos nas escolas.

No que diz respeito a educação moral que é ensinada nas escolas, no qual um dos seus objetivos consiste em evitar a violência entre os alunos, na Educação Infantil há um desafio ainda maior, pois conforme apontam Maciel et al (2016, p. 332):

É próprio da primeira infância (0-4 anos) não reconhecer a questão moral (como devo agir), isto é, onde radica a obrigatoriedade para realizar ou evitar determinados comportamentos. As crianças pequenas não reconhecem as normas no sentido de que algo deve ser evitado ou realizado segundo os preceitos da lei.

Para que a escola avance nos seus métodos de ensino, a fim de garantir a elevação da formação social dos indivíduos e rompa o ciclo de reprodução das desigualdades existentes na sociedade e na escola, Durkheim (2012) afirma que a educação moral é um dever que tem que estar presente na vida de todos, não como uma obrigação, mas como um dever de respeito as regras que contribuem para que todos tenham seus direitos assegurados e exercidos dentro da sociedade.

Tendo em vista o pensamento de Durkheim sobre educação moral, Rohling (2017, p.9) destaca que:

[...] a educação moral durkheimiana conduz o indivíduo a integração à vida social e civil, condução na qual a escola tem um papel intermediário entre a família e a sociedade. [...] o educador deve comunicar as crianças as razões das regras morais de forma que as tornem claras, em vista da preparação de pessoas por uma escola laica, para uma sociedade democrática, conduzida pelas condições do espírito científico.

De acordo com as contribuições de Durkheim sobre a educação moral, nota-se a necessidade de não apenas cultivar nos alunos uma educação moral laica<sup>5</sup>, de cooperação e menos individualismo, mas também, construir novas formas de convivência social que garanta o respeito a integridade humana e a valorização da educação como forma de emancipar o indivíduo para que o mesmo, seja capaz de buscar o conhecimento necessário para a vida e retornar esse conhecimento para a sociedade, como forma de contribuir com a educação e para uma vida melhor para todos.

---

<sup>5</sup> O termo laico se refere aquilo que não é influenciado pela religião ou qualquer tipo de crença.

## 2.2 Um breve estudo do termo conflito

Conforme as observações empíricas que foram realizadas, durante o estágio supervisionado na Educação Infantil, das relações sociais entre as crianças em uma sala de aula do Jardim I, constatam-se que elas estão em constantes conflitos umas com as outras, e a partir dessas observações notou-se, que em alguns dos conflitos, ficou claramente visíveis os traços do que Jean Piaget, em suas pesquisas, definiu como “Pensamento Egocêntrico”. Porém, antes de chegar a discussão em relação a teoria formulada por Piaget, faz-se necessário uma análise do conceito de conflito, suas definições e pontos de vista de alguns autores sobre o tema.

Em uma pesquisa bibliográfica em sites de educação, nas bases da scielo e google acadêmico, buscando a respeito da etimologia da palavra conflito, o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa escrito por Antenor Nascentes traz como resultado que a palavra conflito tem sua origem no Latim “CONFLITO – Do lat. *conflictu*.” (NASCENTES, 1955, p. 131) Outros dicionários como o Aurélio, Michaelis e Priberam também afirmam que a origem do termo conflito é o Latim.

Compreendendo que a palavra conflito tem sua origem no Latim, os estudos da Sociologia, pelos autores Giddens e Sutton (2017, apud SIMMEL, np)<sup>6</sup> afirmam que:

Para Georg Simmel, conflito é uma forma de associação humana em que as pessoas são colocadas em contato entre si e por meio da qual se pode alcançar a união. Esse é um importante ponto de partida porque nos ajuda a evitar a ideia de que o conflito é o *término* das relações e **interações**. (grifo dos autores)

Parafraseando a fala dos autores, é visível que na sala de aula as crianças estão sempre interagindo umas com as outras, e também, entrando em conflito entre si a cada período que estão convivendo no mesmo ambiente social. Sabe-se que ao observar as atitudes das crianças, percebe-se que as suas relações sociais afetivas são: ora de *términos* ora de *interações*. Quando observa-se as relações das crianças na escola, constata-se que elas terminam uma amizade com um colega após um

---

<sup>6</sup>A citação direta não possui número de página por ser um livro de leitura online, encontrado em plataformas de distribuição gratuita de obras literárias. Disponível em: <http://lelivros.love/book/baixar-livro-conceitos-essenciais-da-sociologia-anthony-giddens-em-pdf-mobi-ou-ler-online/>. Acesso em: 28 mar. 2020.

conflito entre elas e passada algumas horas depois, elas voltam a estabelecer as relações de amizade como se nada tivesse acontecido.

Por isso, além do ponto de vista da sociologia quanto ao conceito de conflito, a psicologia também traz suas contribuições sobre as definições desse termo, haja vista que ela também estuda a sociedade mas com o foco voltado para as ações que estão relacionadas com o funcionamento da mente humana (BOCK, 2002).

Conseqüentemente, do ponto de vista da psicologia destaca-se o “conflito atual” do dicionário técnico de psicologia, onde o termo é o que mais se aproxima do objeto de estudos desta pesquisa, que são as relações de conflito entre as crianças. Sendo assim, de acordo com Cabral e Nick (2006, p. 68):

CONFLITO ATUAL – Expressão psicanalítica usada por Freud para indicar o funcionamento presente [...] de um antagonismo entre um desejo consciente e um inconsciente. O conflito atual é considerado uma transformação de um *conflito primordial* cujas origens se radicam no período mais remoto da infância. (grifos dos autores)

Conforme a definição dada pelos autores, podemos compreender que no início da infância a criança enraíza o sentimento de conflito quando se depara com outras crianças que enxergam o mundo de um ponto de vista totalmente diferente do seu, cada criança possui seu próprio espírito infantil.

Destarte, segundo as teorias de Moore (1998) a ideia de conflito vai além do que já conhecemos a respeito das definições de conflito, que consistem em afirmar o choque entre opiniões, ideias e ações contrárias. Seguindo essa linha de raciocínio, Moore (1998) faz uma análise sobre conflito e assegura que “[...] O conflito pode ir além do comportamento competitivo e adquirir o propósito adicional de infligir dano físico ou psicológico a um oponente até o ponto de destruí-lo” (MOORE, 1998, p. 5) Partindo dessa ótica, percebe-se que as crianças na sala de aula, ao vivenciar uma situação de conflito, não são capazes de destruir um ao outro, na maioria dos casos, entretanto, chegam a realizar o ato de agressão física, dando ênfase ao que o autor nos apresenta sobre o dano físico ou psicológico que o conflito pode gerar.

Partindo das análises dos argumentos expostos, Kramer (2003, p.19) também aborda sobre conflito em seus estudos e orienta que:

Os conflitos – que podem emergir – não devem ser encobertos, mas, por outro lado, não podem ser reforçados: precisam ser explicitados com as

crianças a fim de que sua inserção social no grupo seja construtiva, e para que cada uma seja valorizada e possa desenvolver sua autonomia, identidade e espírito de cooperação e solidariedade com as demais.

De acordo com a fala da autora, os educadores em seu trabalho pedagógico devem dar explicações as crianças sobre o porquê de elas estarem entrando em conflito, a fim de promover o respeito do espaço do outro e desenvolver nelas os aspectos que lhe serão necessários para a sua autonomia nas suas relações sociais com outros grupos que têm realidades diferentes da sua.

Em suma, após o breve estudo acerca das definições de conflito, pode-se concluir, de acordo com os autores estudados, que o conflito existe desde a formação das sociedades. Os conflitos ainda, não devem ser visto apenas como uma ação que pode terminar as relações sociais entre os indivíduos, e também, não pode ser considerado como uma ação que não causa dano algum a ambas as partes envolvidas em um conflito, pois, sabe-se que o mesmo pode levar ao ato de violência física e causar danos psicológicos no indivíduo atingido, principalmente na infância, etapa esta que como mostrada por Freud, se violada por qualquer ação que atinja seu funcionamento pleno, resultará em danos psicológicos levados para a fase adulta e até a última fase da vida, se terapias não forem realizadas para tratar os danos.

### **2.3 Uma breve análise sobre a concepção de infância**

Falando sobre a infância de forma sucinta, suas concepções, características e direitos conquistados através das leis que regem e prezam pela segurança e a vida de milhões de crianças no mundo, a Declaração Universal dos Direitos Humanos<sup>7</sup> (2009, p.13), da ONU, Artigo XXV parágrafo 2 assegura que: “A maternidade e a infância têm direito a cuidados e assistência especiais. Todas as crianças, nascidas dentro ou fora do matrimônio gozarão da mesma proteção social.”

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente<sup>8</sup> - ECA, Lei nº 8.069/1990 declara que:

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 29 abr. 2020.

<sup>8</sup> Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/534718/eca\\_1ed.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/534718/eca_1ed.pdf). Acesso em: 29 abr. 2020.

**Art. 3º** A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Em contrapartida a essas leis que hoje são as bases para os cuidados da criança na infância, Philippe Ariès apresenta um estudo em que seus resultados mostram que os cuidados com a infância nem sempre existiu na história da sociedade. Segundo Ariès (2006), só começou-se a pensar de fato nessa fase a partir do século XVI e XVII, com a descoberta do sentimento de infância. Tal sentimento descrito pelo autor ainda era inexistente e por isso não era vivenciado entre as famílias da idade média, tendo em vista que as crianças morriam muito cedo em decorrência das doenças da época. Além da falta de cuidados que as famílias não tinham com as crianças, por não entenderem que as crianças tinham a saúde frágil e não podiam levar a mesma vida que um adulto normal podia levar, sendo as mesmas representadas como seres angelicais e passageiros nas pinturas dos artistas daquela época.

No que se refere a origem do termo e as características da infância, Nascentes (1995) pondera que a palavra infância está representada como “INFÂNCIA – Do lat. *infantia*, incapacidade de falar, meninice.” (NASCENTES, 1995, p. 276, grifo do autor) De acordo a definição do autor, nota-se que a infância é uma fase marcada pelas meninices das crianças, visto que elas não têm qualquer controle sobre suas atitudes e mostram-se incapazes de estabelecer uma linguagem formal como um adulto consegue estabelecer após ter passado por todos os estágios de aprendizagem durante sua infância.

Avançando a análise para conceitos mais atuais sobre a infância, os autores Do Nascimento, Brancher e De Oliveira (2008) trazem em suas pesquisas a definição dada por Narodowski (1993), um pesquisador da área de educação argentino que traz em sua tese de doutorado o seguinte estudo: “Infância e Poder: a confrontação da pedagogia moderna”. Sendo assim, de acordo com os autores:

Para o referido autor, a infância é um fenômeno histórico e não meramente natural, e suas características no Ocidente moderno podem ser esquematicamente delineadas a partir da heteronomia, da dependência e da obediência ao adulto em troca de proteção. (NARODOWSKI, 1993, apud DO NASCIMENTO; BRANCHER; DE OLIVEIRA, 2008, p. 50)

Quando os autores descrevem as características da infância, de acordo com a definição apresentada por Narodowski, que são baseadas em dependência e obediência aos adultos, entende-se que na sala de aula, as crianças obedecem a figura do educador responsável pela turma em razão de ser o educador, a figura que as crianças dependem para serem guiadas ao aprendizado durante sua vida escolar. Dessa forma, como bem nos assegura Maciel et al (2016, p.332) “[...] As crianças respeitam as ordens pelo temor ao castigo e não porque compreendem a natureza da lei.”, colocando em evidência que mais do que obediência em troca de proteção, a criança tem medo de sofrer castigos que o privem de sua liberdade de brincar no recreio, de ser privado de ir ao banheiro, de beber água entre outros tipos de castigos que muitos professores ainda utilizam na sala de aula para controlar os alunos, sendo esta ação pedagógica mal vista e que em nada contribui para a formação social da criança.

Partindo para outras pesquisas acerca da concepção de infância, a autora Andrade (2010, p. 55) também faz uma análise do tema e segundo ela:

O termo *infância* apresenta um caráter genérico, cujo significado resulta das transformações sociais, o que demonstra que a vivência da infância modifica-se conforme os paradigmas do contexto histórico e outras variantes sociais como raça, etnia e condição social. (grifo do autor)

De acordo com a fala da autora, compreende-se que a infância é uma etapa que sofre alterações de acordo com o contexto em que a criança está inserida, ou seja para as crianças que são criadas em ambientes privilegiados, onde recebem atenção, cuidado e proteção suficientes para o seu desenvolvimento intelectual, físico e moral, certamente ela terá mais possibilidades de se tornar um adulto consciente de seus direitos do que uma criança que tem sua infância negada de cuidados, atenção e proteção em decorrência das desigualdades sociais que tanto assolam o país e o mundo.

Para concluir a breve análise do conceito de infância, buscamos saber o que diz a psicologia a respeito do tema. Por conseguinte, de acordo com Aardweg (2014) a infância é um termo usado para designar uma faixa etária que vai do 0 aos 12 anos de idade, e ainda segundo o autor, também são utilizados outros termos para identificar esta fase, tais como “bebês” e “crianças em idade escolar”.

Em síntese, fazendo uma ligação paralela entre as análises de conflito e infância, podemos dizer que o conflito e a infância são termos que se distinguem um do outro, enquanto que o conflito se constitui em uma ação causada pelos indivíduos, a infância se confirma como uma etapa a ser vivida pelo ser humano antes de chegar a fase adulta. Tendo em vista essas observações, é correto afirmar que conflito e infância são diferentes, porém, é notório que o conflito irá acompanhar os indivíduos por todas as fases de suas vidas.

#### **2.4 A teoria do pensamento egocêntrico na perspectiva de Jean Piaget**

Com base nas pesquisas de Philip Ariès (2006), no início da descoberta do sentimento de infância, a criança era vista como um ser frágil, inocente, bondoso e puro. Com as mudanças no modo de vida das sociedades ao longo do tempo, os estudos sobre a infância, sobretudo pela psicologia, foram tomando cada vez mais espaço na área da psicologia e da educação, revelando mais tarde em pesquisas, que a criança na infância é marcada pelo sentimento de egocentrismo segundo os estudos de Jean Piaget e sádica de acordo com as pesquisas de Freud, que traz uma perspectiva diferente da concepção piagetiana. Mostrando ainda, que a criança é narcisista<sup>9</sup> desde a primeira infância segundo as teorias formuladas por Freud, na psicanálise. Nas palavras de Shirahige e Higa (2003, p.33):

Freud remota a compreensão do narcisismo à primeira infância, ao chamado narcisismo primário. Inicialmente, a libido do bebê não se relaciona com o mundo externo. O bebê não distingue o “eu” e o “não-eu”. [...] Segundo Freud, o indivíduo evolui do narcisismo absoluto para a capacidade de raciocínio e amor objetal. [...] Todo indivíduo conserva, no entanto, um certo grau de narcisismo.

Em paralelo a esses argumentos, na psicanálise Freud expõe em suas obras como a criança na infância mostra seu lado sádico<sup>10</sup> e egoísta. Segundo Fernandes (2007) Freud em sua clínica faz uma análise de um caso de fantasias sobre crianças sendo espancadas, e ainda segundo a autora a análise foi realizada a partir de

---

<sup>9</sup> “O narcisismo é caracterizado desde a Grécia antiga como o amor do indivíduo por si próprio.” (SHIRAHIGE e HIGA, 2003, p. 32)

<sup>10</sup> De acordo com o dicionário online de português o termo sádico refere-se a um indivíduo que sente prazer em ver e fazer sofrer outro indivíduo. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/sadico/>. Acesso em: 30 abr. 2020.

lembranças da infância de crianças de 2 a 6 anos. De acordo com as observações da autora (FERNANDES, 2007, p. 85):

Na primeira fase da fantasia, “*meu pai bate numa criança que eu odeio*”, resume Freud; “*A ideia do pai batendo nessa odiosa criança é, portanto, agradável, independente de ter sido realmente visto assim. Significa: ‘O meu pai não ama essa criança, ama apenas a mim’ [...].* (Grifos do autor)

E em um novo parágrafo a autora continua:

A primeira fase resume o que Freud denomina o “egoísmo infantil”. Segundo o autor, parece que é característico da criança ser “egoísta”, querer o amor dos pais apenas para si. Contamos, portanto, com a satisfação em ser o preferido, o escolhido pelo pai. (FERNANDES, 2007, p. 85)

De acordo com as observações que a autora nos apresenta sobre a análise de Freud em relação ao egoísmo infantil, compreende-se que esta característica é um fato inegável, haja vista que a fala que Freud analisa, está presente em muitas situações envolvendo crianças nessa faixa etária. Por esse motivo que Piaget volta seus estudos, em muitas de suas pesquisas, para esse fenômeno que tanto intriga e choca a sociedade até hoje.

Entrelaçando com os argumentos apresentados acima, com base nos estudos de La Taille (1992), em relação a teoria de Jean Piaget sobre o egocentrismo infantil, pode-se dizer que o pensamento egocêntrico consiste na ideia de que a criança ainda não domina seu modo de pensar e agir, centrando-se inconscientemente apenas no seu próprio mundo. O mais preocupante, contudo, de acordo com La Taille (1992), é constatar que esse fenômeno psíquico, nas relações de afetividade, faz com que a criança sinta extrema dificuldade em compreender o ponto de vista do outro e estabelecer relações de afetividade com outras crianças.

Para compreender com mais clareza a teoria do Pensamento Egocêntrico na perspectiva de Jean Piaget, o Professor Doutor Jair Fonzar, filósofo e professor do departamento de educação da UFPR, apresenta um estudo mais aprofundado sobre a trajetória que o conceito percorreu para chegar a uma definição que temos hoje. Dito isso, nas palavras do autor sobre a primeira discussão acerca da teoria de Piaget, ele coloca que:

Esse problema ou fenômeno é o que se manifesta no linguajar da criança de 2-3 a 7-8 anos de idade e ao qual os autores da primeira publicação convencionaram em chamar de **egocentrismo**, termo que passou a ter um significado diferente daquele que até então lhe era comumente atribuído. (FONZAR, 1986, p. 82, grifo do autor)

Seguindo esses argumentos, Fonzar (1986) reitera que o termo egocentrismo usado por Piaget e seus colaboradores, após concluir suas pesquisas sobre a linguagem e o processo cognitivo da criança, foi pouco compreendido pela sociedade da época. Fazendo Piaget anos mais tarde, a observação de que fez uso da palavra egocentrismo na falta de outro termo que melhor definisse sua constatação.

Em decorrência disso Piaget lança, no mesmo ano de publicação do seu artigo com o resultado das suas pesquisas, o livro intitulado “A linguagem e o pensamento da criança” com mais argumentos que se somassem aos anteriores ampliando a compreensão da sua teoria. Nas palavras de Fonzar (1986, p. 87):

O conceito de egocentrismo, até então corrente, exprimia julgamentos de valores. Piaget inova e imprime ao vocábulo nova dimensão epistemológica. [...] O que antes se restringia a um problema ético, agora se transforma em um problema gnosiológico, sem excluir, contudo, consequências de caráter moral, social, pedagógico, etc.

Dessa forma, de acordo com o autor, Piaget precisou explicar que o egocentrismo está ligado aos fatores cognitivos dos estágios de aprendizagem que todos os seres humanos passam na infância até a adolescência, e não apenas a um fator que ocorre por influência do meio social, moral e pedagógico.

Partindo para a parte prática que levou a realização das pesquisas de Piaget, conforme os estudos de Fonzar (1986), as pesquisas de Piaget e seus colaboradores do Instituto J.-J. Rousseau em relação a esse fenômeno, tiveram início no ano de 1921 e foram concluídas em 1922, sendo apresentadas no ano de 1923. O objeto de estudo das pesquisas eram crianças na faixa etária de 2-8 anos da escola particular Maison des Petits<sup>11</sup>, na cidade de Genebra, localizada na Suíça. Sobre as primeiras formulações do fenômeno, como pondera o autor:

---

<sup>11</sup> “Casa dos Pequenos” na língua portuguesa, a escola particular Maison des Petits foi durante alguns anos o local da pesquisa de campo de psicólogos e educadores que tinham interesse em estudar a criança em sua totalidade. Disponível em: <https://www.unige.ch/maisondespetits/>. Acesso em: 30 de abr. 2020.

Uma vez constatado o fenômeno, Piaget percebeu logo a sua importância para uma correta compreensão da evolução psicogenética do conhecimento infantil. Daí o destaque que o problema passou a merecer dentro da teoria piagetiana. (FONZAR, 1986, p. 82)

Nas primeiras formulações da teoria do egocentrismo, por Piaget e seus colaboradores, o autor destaca que:

Verificam, surpresos, que a linguagem da criança de 6 e 7 anos de idade é ainda uma linguagem em boa parte voltada para a própria criança que não se preocupa em se fazer entender. Que parece não ter necessidade de interlocutor. Esse modo é logo etiquetado de **egocentrismo** pelos autores da pesquisa, que não cuidam ainda de precisar melhor o conceito. (FONZAR, 1986, p. 86)

É importante ressaltar também que de acordo com o autor: “Fato dominante que é, o egocentrismo é invocado a todo momento, porém, mais como explicação de outros problemas do que como fenômeno que precisa ser melhor conhecido.” (FONZAR, 1986, p. 88) Seguindo esse ponto de vista, observa-se que nas situações de desavenças entre crianças quando uma afirma para a outra que o brinquedo que ela segura é dela e de mais ninguém, vemos traços do pensamento egocêntrico, de que ela está apenas colocando o seu próprio “eu” em suas atitudes, visto isso, usa-se o egocentrismo infantil para justificar o problema de compartilhamento de brinquedos, e outros objetos entre elas.

De acordo com esses argumentos, De Faria (1989) lança o livro “O pensamento e a linguagem da criança segundo Piaget”, no qual faz uma releitura das teorias de aprendizagem de Piaget onde apresenta um exemplo de egocentrismo infantil, no qual percebe-se a necessidade de afirmação do eu pela criança. Como relata a autora, o diálogo se dá da seguinte maneira:

*Lev: Você não se meta. Não está certo. Oh! Isso não vai bem. Eles não têm nada com esta casa, fomos nós que fizemos. Um mocho não é assim. Veja o que ele fez, Pie! Eu sei que ele não pode. O dele é mais bonito que o nosso. Eu tenho um lápis maior que o seu. Eu sou mais forte etc. (FARIA, 1989, p. 54, grifo do autor)*

Observando o diálogo que a autora traz, começa-se a ter uma compreensão mais aprofundada de como o egocentrismo está presente nas atitudes das crianças e

em quais momentos esse fenômeno se manifesta com mais intensidade nas suas convivências sociais.

À vista disso, nos novos estudos de Piaget, Fonzar (1986) relata que Piaget põe em destaque três características do egocentrismo: psicológico, lógico e gnosiológico. Essas características mostram-se psicológica porque a criança, nas fases de manifestação do egocentrismo, é inconsciente de suas atitudes em relação ao próprio eu; lógico pelo fato de que a percepção de mundo que a criança tem, se dá através do seu próprio ponto de vista; e gnoseológico porque o seu conhecimento gira em torno da sua própria verdade, não conseguindo ela diferenciar a sua verdade da verdade de um adulto ou de outros objetos e sujeitos que a cercam no ambiente inserido.

A teoria do egocentrismo infantil, segundo Fonzar (1986) a cada estudo de Piaget recebe novos argumentos que vão ampliando cada vez mais o conceito. No ano de 1931, de acordo com o autor, Piaget acrescenta que esse fenômeno é intelectual e está relacionado a atitudes pré-críticas que a criança tem. E em mais uma obra lançada e intitulada por Piaget como “Psicologia e pedagogia” ele nos apresenta a ligação existente entre a criança, o brincar e o egocentrismo infantil, conforme as observações de Fonzar (1986) acerca dessa ligação, Piaget afirma que:

É sobretudo no momento de brincar que a criança deixa perceber o lado egocêntrico do seu pensamento. Enquanto brinca, o universo perde para ela sua realidade objetiva para se transformar em sonho. [...] Nesse momento desaparecem as fronteiras entre corpo e meio ambiente, para triunfar, soberano, o eu da criança. (FONZAR, 1986, p. 91)

A relação do momento de brincar da criança com o egocentrismo infantil, foi para esse estudo, o ponto de partida inicial para essa investigação mais detalhada desse o fenômeno cognitivo que é intrínseco de todo indivíduo na infância. Onde houver crianças brincando, seja em grupo ou sozinhas, os traços desse fenômeno serão explicitamente notáveis por qualquer adulto ou educador que conheça as teorias de aprendizagem piagetiana.

Ainda na busca de tentar explicar com mais detalhes sua teoria para a sociedade que não o havia compreendido totalmente, segundo Fonzar (1986), Piaget lança no ano de 1948, uma 3ª edição do livro “A linguagem e o pensamento da criança” onde traz novos argumentos para sua teoria. Desta vez, de acordo com o autor:

Piaget volta a redefinir o em que consiste o fenômeno [...]. Até então, era corrente entender-se por egocentrismo a atitude psicológica que leva o indivíduo a se colocar, conscientemente, no centro de tudo. Para Piaget, ao contrário, no egocentrismo é precisamente este estado de consciência que falta ao sujeito. (FONZAR, 1986, p.93)

Com base nessa redefinição que o autor apresenta, Piaget esclarece a ideia de que a criança é egocêntrica inconscientemente, a partir dos resultados de suas pesquisas. Ou seja, a criança que demonstra uma linguagem ou um comportamento egocêntrico, o faz sem ter entendimento daquilo que está fazendo, a mesma se deixa guiar por atitudes inconscientes. Como colocado anteriormente por Piaget, a criança em grande parte do seu tempo está vivendo em um universo imaginário, onde não consegue distinguir o mundo real do mundo imaginário.

Após mais uns anos de estudos, Fonzar (1986) afirma que Piaget em “Introdução a epistemologia genética” 3º volume, apresenta um novo conceito derivado da definição de egocentrismo, chamado sociocentrismo. Nas palavras do autor:

Para o sociocentrismo a única realidade é a realidade do grupo. A única verdade é a verdade do grupo social que se transforma num centro de referências e para o qual todo o universo deve convergir. Há nesse fenômeno social uma centração sobre o sujeito coletivo, como há no egocentrismo uma centração sobre o sujeito individual. (FONZAR, 1986, p. 95)

Analisando o sociocentrismo na perspectiva de Piaget, também é possível perceber traços de sociocentrismo nas relações entre as crianças quando estão em grupo brincando. Kramer (2003) no livro “Com a pré-escola nas mãos” traz alguns diálogos entre alunos, observados no ambiente escolar, e em um desses diálogos há uma situação de conflito. Na cena de conflito, é possível observar traços de sociocentrismo entre os alunos, segundo a autora descreve, dois alunos discutem porque um deles quer participar da brincadeira e um outro aluno não aceita, alegando o mesmo que ele não é o dono da brincadeira.

Diante disso, Kramer (2003, p.47) faz a seguinte observação:

Após a criança contar quem era o dono, a professora sugeriu que a criança 1 fosse conversar com ele. Todos acabaram conseguindo brincar juntos (existe, em geral, nesta turma, uma necessidade de alguém ser o “dono” de alguma coisa).

Quando Piaget afirma que é na brincadeira que as crianças demonstram com mais força o seu lado egocêntrico, a partir desse diálogo apresentado por Kramer, entende-se que a turma dessa professora entra em um consenso de que alguém é o dono da brincadeira, fazendo com que essa ação coletiva se transforme em sociocentrismo. Visto que, a partir do momento que elas afirmam que alguém tem que ser o dono da brincadeira, elas não direcionam a liderança da brincadeira a um aluno específico, mas aquele grupo que divide os espaços da sala de aula e os outros espaços da escola.

Após essas análises e reflexões levantadas acerca da teoria piagetiana a respeito do fenômeno egocentrismo infantil, a partir de estudos e releituras de outros autores sobre a teoria, em suma, pode-se destacar que o egocentrismo infantil é um fenômeno que ocorre na infância, a criança o vivência de forma inconsciente, tem suas atitudes voltadas para o seu próprio mundo para o seu próprio eu, durante os estágios de manifestação do egocentrismo é incapaz de diferenciar atitudes certas e erradas no ambiente social em que está inserida e só é capaz de compreender outros pontos de vista quando passa do seu último estágio de desenvolvimento cognitivo.

## **2.5 Compreendendo os estágios do egocentrismo e outras pesquisas sobre o tema**

O egocentrismo na perspectiva de Piaget, segundo Valença (1983), se divide em três períodos. De acordo com o autor:

Para Piaget (1972), o egocentrismo pode ser *radical, puro ou adolescente*. O egocentrismo radical corresponde ao período sensório-motor. O egocentrismo puro corresponde ao período pré-operacional. O terceiro tipo, o egocentrismo adolescente ou metafísico, é observado no início do período das operações formais. (VALENÇA, 1983, p. 52, grifos do autor)

O autor ainda acrescenta outras características que ampliam a compreensão desses três períodos de manifestação do egocentrismo. Segundo ele:

O egocentrismo sensório-motor possui uma característica sobretudo espacial. Enquanto o egocentrismo pré-operacional envolve a perspectiva

espaço-perceptual, além da perspectiva de linguagem e educação. Já o egocentrismo adolescente se caracteriza pela onipotência do pensamento. (VALENÇA, 1983, p 52)

Como observado pelo autor, o egocentrismo está presente em cada período do desenvolvimento cognitivo, porém em cada um desses períodos o egocentrismo possui uma forma diferente de manifestação, como bem nos assegura o autor “O egocentrismo evolui, em cada caso, em função da forma que assume.” (VALENÇA, 1983, p. 52) ou seja, a forma como o egocentrismo irá surgir na criança depende da idade em que a criança se encontra.

De acordo com De Faria (1989) o período sensório-motor, na perspectiva de Piaget, vai do nascimento da criança até os dois de idade, aproximadamente, pois, como bem nos assegura Piaget, esses períodos podem ser vivenciados mais cedo ou mais tarde para algumas crianças, mas não podem ser pulados ou retrocedidos. Conforme De Faria (1989, p. 24) descreve:

Durante o período sensório-motor, que vai até os dois anos aproximadamente, o bebê pode perceber as coisas e as pessoas mas não pode imaginá-las ou nomeá-las através de palavras. Ele percebe e compreende os elementos que povoam seu pequeno mundo por meio de ações; conhece a mamadeira, por exemplo, quando a vê e age sobre ela. Portanto, na época em que as crianças entram nas creches, conhecer é sinônimo de agir.

Como afirma a autora é na fase sensório-motor que as crianças têm o primeiro contato direto com a realidade que a cerca, dessa forma, a partir dessas ações a criança começa a construir seu conhecimento sobre o mundo, tal qual o construtivismo afirma.

Partindo desse ponto de vista, De Faria (1989) declara que Piaget divide a fase sensório motor em seis estádios<sup>12</sup>, onde o primeiro estágio (de zero a um mês) é caracterizado pela ausência das palavras, o segundo estágio (de um a quatro meses) se constitui nos primeiros balbucios da criança, no terceiro estágio (de quatro a oito meses, segundo De Faria (1989, p.32) “A partir do terceiro estágio, o bebê começa a separar seu corpo dos objetos externos”, e no quarto estágio (de oito a doze meses)

---

<sup>12</sup> Piaget coloca essas fases como “estádio” e não como estágios porque nesse período sensório-motor, a criança entra em um estado de aprendizagem e permanece nele até alcançar o desenvolvimento cognitivo necessário para entrar em um novo estado de conhecimento, por meio da assimilação e acomodação.

a criança começa a ter controle em relação aos objetos, ela já consegue pegar e manipulá-los, no quinto estágio (de doze a dezoito meses) ela já consegue manipular os objetos intencionalmente, e por fim, no sexto estágio (de dezoito meses aos dois anos em diante) a criança começa a associar palavras a objetos, ações, gestos, imagens entre outros.

Conforme colocado pela autora, os estágios são importantes para as primeiras construções do conhecimento da criança sobre a realidade que a cerca, são nesses estágios que ela começa o seu desenvolvimento cognitivo necessário para o seu processo de aprendizagem.

Segundo De Faria (1989), os estudos de Piaget apresentam que quando a criança passa do período sensório-motor, após ter começado a construir seu conhecimento por meio das manipulações dos objetos a sua volta, ela entra em um novo período de construção do conhecimento.

O período pré-operacional ou período simbólico que vai de 2 a 7 anos aproximadamente, consiste na primeira divisão do egocentrismo puro, uma vez que saindo do período pré-operacional a criança entra na segunda divisão do egocentrismo puro que é o período das operações concretas que vai dos 7 a 11/12 anos. No que consiste o período simbólico, De Faria (1989, p. 44) destaca que:

No período simbólico, o equilíbrio incompleto da assimilação e da acomodação torna o sujeito capaz de representar os objetos ou eventos ausentes, embora ainda de forma deficitária. A imagem desempenha a função de significante que evoca o significado (ações exercidas sobre as coisas), assim como as sensações experimentadas em relação a eles.

Conforme De Faria (1989) declara, a partir de ações que a criança exerce sobre as coisas, surge neste período o egocentrismo puro, no qual é acompanhado pela linguagem egocêntrica, a repetição, a fala consigo mesmo, fala coletiva, ordens, súplicas, ameaças, críticas, zombarias, trocas sociais semiverbalizadas com base em um projeto ou jogo, trocas sociais semiverbalizadas com base numa lembrança comum, trocas sociais com base numa lembrança individual, disputas e discussões.

Nas pesquisas de Valença (1983), das observações de Piaget sobre o egocentrismo, o autor acrescenta que:

De absolutamente egocêntrica, a criança começa a duvidar de sua percepção, mas não considera discriminá-la da percepção do outro. Por último, ela adquire capacidade de reflexão e estará apta a saber, não somente que atribuir a sua percepção a outrem está errado, como também qual será a resposta certa. (VALENÇA, 1983, p. 54)

Esses pontos colocados pelos autores, a partir das formulações de Piaget, são os pilares essenciais para a análise que buscará observar e expor as características apresentadas acima, em relação ao egocentrismo puro, no qual serão observadas as atitudes e as relações entre as crianças, adolescentes e adultos nos filmes que serão analisados.

De acordo com Valença (1983) quando a criança está no período pré-operacional, ela está no estágio do egocentrismo puro, isso quer dizer que a criança está centrada no seu próprio ponto de vista e para que a criança deixe o egocentrismo de lado e comece a enxergar outros pontos de vista além do seu, é necessário ocorrer a descentração do egocentrismo.

Sobre a passagem da centração para a descentração do egocentrismo infantil, Piaget (2014) em suas palavras, afirma que:

O pensamento egocêntrico se caracteriza por suas “centrações”, ou seja, em vez de adaptar-se objetivamente à realidade, ele assimila à ação propriamente dita, deformando as relações segundo o “ponto de vista” [...]. Em consequência, é evidente que a evolução se fará no sentido do equilíbrio, ou seja, da descentração. (PIAGET, 2014, p. 319)

Desta forma, entende-se que no processo de desenvolvimento cognitivo, sobretudo na fase do período pré-operatório, a criança está em um processo de desequilíbrio inconsciente das suas atitudes em relação ao outro, por este motivo ela não consegue equilibrar o seu ponto de vista e o ponto de vista de outros indivíduos como qualquer criança que chegou no período das operações formais do desenvolvimento cognitivo, conseguiria facilmente equilibrar.

Nesse caso, Piaget (2014) assinala que é necessário haver a descentração do eu e com mais clareza ele diz que, a criança centrada no seu próprio eu consiste no desequilíbrio de suas atitudes, e a descentração do seu próprio ponto de vista para considerar outros pontos de vista consiste no equilíbrio de suas atitudes em relação a ele mesmo e a outros indivíduos.

Para que a descentração ocorra, a criança sai do período pré-operatório e entra no período das operações concretas, onde os traços do egocentrismo puro começa a desaparecer e em seu lugar começa a surgir a linguagem socializada entre as crianças. Sob o mesmo ponto de vista, De Faria (1989, p. 71) descreve que:

Podemos dizer que a criança conversa realmente com os outros quando lhes comunica fatos e acontecimentos que viveu ou pretende viver, procurando justificar seus motivos. Para que isso ocorra ela, ela tem que combinar suas idéias, chegar a conclusões. Nas palavras de Piaget (1967, p.231): "(...) é sobretudo frente a frente aos outros que somos obrigados a unificar nossas crenças e colocar em planos diferentes as que não são compatíveis entre si, de tal forma que se continua, pouco a pouco, um plano real, um plano do possível, um plano da ficção etc." A conversa ou a colaboração ocorre quando o indivíduo é capaz de conduzir seu pensamento, ou seja, de tomar consciência dele.

Nesse sentido, Rizzi e Costa (2004, p. 32) apontam que:

Gradativamente o raciocínio lógico (mais característico neste período) vai se sobrepondo à percepção e a intuição próprias ao período anterior. Essa lógica se manifesta, essencialmente, pela capacidade que a criança demonstra em considerar a situação como um todo, estabelecendo as relações entre os elementos que a compõe. A criança passa a organizar, em seus sistemas, as informações de que dispõe, conservando-as, revertendo-as, compondo-as, etc., portanto, lidando com várias relações possíveis neste sistema.

Esclarecendo o ponto de vista dos autores acima, compreende-se que, se no primeiro período da infância no estágio pré-operatório, a criança sente dificuldade em equilibrar suas atitudes com relação aos objetos e pessoas, no segundo período, que pode ser dita como a segunda infância no período das operações concretas, essas dificuldades começam a ser superadas a partir das relações que a criança vai estabelecendo nesse período.

Para fechar nosso estudo sobre as fases do egocentrismo, apresentou-se a última fase do egocentrismo na perspectiva de piagetiana, que é o egocentrismo adolescente e que se manifesta no período operatório formal que vai dos 12 anos em diante. Em um levantamento feito por Rizzi e Costa (2004, p. 32) o período das operações formais:

[...] envolve a adolescência (dos onze ou doze anos em diante), etapa onde ocorre a passagem do pensamento concreto para o formal. A estrutura formal conquistada neste período é constituída a partir da estrutura operatória, própria do período anterior. Naquele período, a criança pensava concretamente sobre cada problema conforme eles surgiam e não estabelecia relações entre suas soluções e teorias gerais.

Cada fase do desenvolvimento cognitivo acrescenta habilidades necessárias a continuidade do processo de aprendizagem da criança, dessa forma, de acordo com a definição que Rizzi e Costa (2004) apresenta, percebe-se que todos os outros períodos foram agregando conhecimentos que serviriam de base para que essa aprendizagem acontecesse, de acordo com o que a concepção piagetiana defende sobre a evolução gradativa do conhecimento adquirido pelo ser humano em cada etapa da maturação cognitiva.

No tocante a outros estudos e pesquisas envolvendo o egocentrismo infantil, Cavaton e Barbato (2011) fazem uma pesquisa sobre “a fala egocêntrica da criança de seis anos na construção coletiva da escrita” e observam que a criança apresenta a fala egocêntrica externalizada e irrelevante, a fala egocêntrica externalizada e relevante, a manifestação externalizada e relevante, e também, a fala egocêntrica geradora de fala comunicativa.

A partir dessas observações, Cavaton e Barbato (2011, p. 92-93) ressaltam que:

Estudando as falas egocêntricas das crianças de nossa pesquisa, nossos dados indicam novas funções específicas para os usos da fala egocêntrica, ainda não relatadas na literatura. [...] Como primeira função, encontramos o uso da fala egocêntrica geradora de comentários por parte da criança interlocutora. [...] O uso da fala egocêntrica com a segunda função: gerar na própria criança que proferiu a fala egocêntrica, um comentário para as demais crianças da mesa.

Continuando os estudos das funções da fala egocêntrica da criança, as autoras destacam também:

O uso da fala egocêntrica com a terceira função: de gerar outras falas egocêntricas em outras crianças. [...] A mediação da fala nessa co-construção de conhecimento desencadeou a quarta função da fala egocêntrica encontrada em nossa pesquisa, a de avaliação, ao gerar questionamentos quando alguém dizia algo errôneo, por exemplo, os desenhos que não apareciam na história, funcionando como ZDP por ampliar e avaliar o conhecimento que tinham de seus desenhos e dos desenhos dos outros. Portanto, os meninos avaliavam a si e aos colegas, gerando a passagem da

egocêntrica para a fala comunicativa. (CAVATON e BARBATO, 2011, p. 93-94)

Cada uma das funções apresentadas pelas autoras representam um tipo de fala egocêntrica na contribuição da construção da escrita e linguagem da criança e cada uma delas mostrou-se importante no processo de desenvolvimento da aprendizagem.

Além desse estudo feito com crianças na escola, outros autores como Sasso e Morais (2013) fizeram uma pesquisa com professores a respeito do que eles entendem sobre o tema. A partir das pesquisas, as autoras concluem que:

Ao se investigar sobre a linguagem egocêntrica, as implicações educacionais decorrentes da apreensão de tal linguagem na criança, e também as representações de professoras a esse respeito, pôde-se evidenciar que o egocentrismo além de ser um fenômeno observável e muito frequente na Educação Infantil, é pouco abordado e discutido entre os professores, seja no âmbito da escola, ou nas formações inicial e continuada dos mesmos. (SASSO e MORAIS, 2013, p. 26)

O estudo realizado pelas autoras mostra que uma grande parte dos professores da Educação Infantil, tiveram aprofundamento teórico limitado sobre o egocentrismo infantil. E ainda segundo o que o estudo mostrou, (SASSO e MORAIS, 2013, p. 43) apontam que:

[...] Apesar de algumas professoras apontarem o egocentrismo como o não reconhecimento do outro, ainda ficam na superfície do fenômeno, ou seja, naquilo que é mais imediato e aparente; como por exemplo, a Participante 15 diz *“não percebe a presença do outro, o outro na vida dele não existe”*, parecendo até mesmo que a criança não construiu a noção de permanência de objeto, ao invés de se compreender que o egocentrismo [...] seria **no campo da representação** – por não conseguir se colocar na perspectiva do outro – **e não da ação** [...]. Ligar o egocentrismo ao não querer ou saber dividir, aspecto que compõe as representações das professoras, também se encaixa nisso: na aparência do fenômeno e na sua manifestação, mais do que em seus processos psicológicos. (grifos dos autores)

O tema egocentrismo infantil possui processos e etapas de desenvolvimento que vão além da concepção de ausência de entendimento do próprio eu pela criança. Por este motivo, é que, de acordo com os resultados da pesquisa das autoras, esse tema é um fenômeno que acontece com mais rigor na infância pouco estudado pelos professores e demais profissionais da educação.

## 2.6 Reflexões sobre o papel do educador na mediação de conflitos no ambiente escolar

Pensando no desenvolvimento integral das relações sociais que vão sendo estabelecidas pelas crianças a partir do momento que chegam na Educação Infantil, os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil<sup>13</sup> (PNQEI) volume 2, assegura que é função dos professores, professoras e demais profissionais da educação na instituição de ensino, garantir a valorização da “[...] cooperação, tolerância recíproca e respeito a diversidade [...], permitindo às crianças aprender a viver em coletividade, compartilhando e competindo saudavelmente.” (BRASIL, 2006, p.40)

Acredita-se no papel do professor como mediador de conflitos, pois segundo Oliveira (1992), Vygotsky aponta a mediação como meio para o sujeito alcançar o conhecimento.

Sobre o papel da mediação, Pisacco (2006) faz um estudo sobre a teoria da mediação da aprendizagem de Reuven Feuerstein, e segundo a autora ele a define como um:

[...] processo de intenções mediadas em que se compartilham significados e processos superiores do pensamento, capazes de favorecer a construção de estruturas cognitivas que organizam e potencializam a sua capacidade de transformação. (PISACCO, 2006, p.13)

Na educação de acordo com a concepção de Feuerstein sobre a aquisição do conhecimento, esse processo de mediação é feito através do professor pela Experiência de Aprendizagem Mediada<sup>14</sup>. Sob essa ótica, pesquisas de Meier e Garcia (2007, p.69) indicam que “O termo “mediação” é utilizado na Neuropsicologia para denominar a ação dos neurotransmissores no processo de transmissão de informações na rede neural.” e quanto ao termo mediador, os autores afirmam que:

O conceito de “mediador”, sob a ótica na Neurologia, é atribuído aos neurotransmissores, substâncias químicas cuja ação principal ocorre nas conexões entre um neurônio e outro, ou entre um neurônio e uma célula

---

<sup>13</sup>Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/paraqualvol2.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2020.

<sup>14</sup> Esse processo faz parte da Teoria da Modificabilidade Estrutural Cognitiva formulada pelo pedagogo Reuven Feuerstein.

muscular ou glandular, possibilitando a “transmissão de impulsos nervosos. (MEIER e GARCIA, 2007, p.69)

A partir dessas concepções, os autores em síntese, apresentam que de acordo com os estudos da Neuropsicologia o papel do educador não consiste apenas em passar, transmitir e ensinar, mas também provocar, incentivar, disparar e possibilitar que o aluno seja capaz de construir seu próprio conhecimento.

Sendo a Educação Infantil a primeira etapa de formação educacional do ser humano, é importante olhar para as relações que acontecem dentro da sala de aula, pois a todo momento os alunos estão entrando em conflito pelos espaços, brinquedos, lanche, atenção, etc. Destarte, Meier e Garcia (2007) estudando a teoria da mediação de Reuven Feuerstein observam que o mediador, no caso da escola o educador, precisa ter consciência dos seus objetivos ao ensinar e garantir que os alunos realmente aprendam os conteúdos e projetos que são planejados para a turma.

Ainda segundo Meier e Garcia (2007, p. 105) sob à luz da teoria de Reuven Feuerstein:

A Experiência de Aprendizagem Mediada, de certa forma, explica o papel das experiências interativas no desenvolvimento cognitivo das gerações mais novas. Trata-se de um ato de transmissão de cultura, de valores, de atitudes, de intenções etc., efetuado pelas novas gerações mais velhas, que visam produzir os efeitos desejados.

Para a educação alcançar os efeitos desejados, como colocam os autores, é fundamental a atuação do educador na mediação dessas interações entre o sujeito e os aspectos que envolvem a convivência com outros sujeitos, culturas, valores, normas, direitos e atitudes. Entretanto, no trabalho pedagógico do educador surgem os desafios que põe em declínio o alcance desses efeitos.

O grande desafio do educador hoje, é mediar conflitos em uma sala de aula com no mínimo quinze alunos em fase pré-operatória, onde todos enxergam a realidade a partir do seu próprio ponto de vista, fazendo com que desafios maiores apareçam para o educador.

Segundo Quinquilo (2017, p. 17) sugere:

Considerando o ambiente escolar propício para o aparecimento de conflitos, já que crianças começam ali a ter contato com outros indivíduos fora de sua casa, sejam eles adultos ou outras crianças, passa-se a ter a necessidade de

professores que saibam compreender o significado construtivo do conflito na formação do ser e saibam também, mediar as situações em que estes conflitos ocorrem.

Ainda segundo a autora, o papel do educador na sala de aula se modificou ao longo do tempo e conforme as necessidades da educação, de acordo com ela:

Muito se tem discutido sobre o papel do professor em sala de aula e sua postura em relação aos alunos. Antigamente, o professor era visto como um ser de certa superioridade hierárquica que exigia respeito frente a sua posição e ao fato de ser ele o detentor de todo o conhecimento. Atualmente, essa postura tem sido revista e o professor passa a ser um intermediário entre o conhecimento e o aluno, estimulando-o e favorecendo a aprendizagem, de forma mais leve e que valorize o a existência e a manifestação do indivíduo, fora de uma padronização pré-concebida. (QUINQUIOLO, 2017, p. 121)

Em concordância com esses argumentos apresentados por Quinquiolo, fazendo um paralelo com outra reflexão, Kramer (2003) enfatiza que o educador deve buscar ajuda e expor os problemas que ele não consegue lidar para a equipe pedagógica da escola, a fim de receber apoio e novos meios de intervenção.

A autora argumenta que a avaliação é uma forma de saber se o trabalho pedagógico está favorecendo o desenvolvimento dos alunos. Dessa forma, na mediação de conflitos o papel do professor também significa avaliar como estão se desenvolvendo as relações sociais entre os alunos. Nas palavras de Kramer (2003, p.94) ela nos assegura que:

O papel da avaliação decorre das próprias metas educacionais estabelecidas para a proposta. Assim a avaliação se destina a obter informações e subsídios capazes de favorecer o desenvolvimento das crianças e a ampliação de seus conhecimentos. Dispondo dos principais elementos relativos a elas e à pré-escola como instituição, podemos planejar e (re)direcionar nosso trabalho cotidiano.

Em vista disso, na concepção de Vygotsky o desenvolvimento das crianças e a ampliação dos seus conhecimentos acontece no processo de mediação que o educador realiza entre a criança e o objeto de conhecimento. Portanto, de acordo com Mello (2003, p.144):

Como lembra Vygotsky, o desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da memória voluntária, do controle da conduta – que só o ser humano tem a

capacidade de desenvolver –, ocorre a partir do exterior: primeiro a criança experimenta a fala, a orientação de sua conduta, a atenção, a observação, a memória, a linguagem escrita, o cálculo matemático, o desenho etc., em conjunto com os outros e só depois essas funções se tornam internas ao seu pensamento.

Em síntese, em concordância com todas as reflexões colocadas pelos autores anteriormente, o papel do educador na mediação de conflitos deve estar voltado para a garantia do desenvolvimento integral dos alunos nos aspectos de valorização das relações sociais e afetivas que eles estabelecem na escola.

O educador precisa estar consciente de como acontece o processo de mediação e quem é o mediado nas suas práticas pedagógicas. O papel do educador, ainda tem como objetivo na sala de aula, saber quais são os desafios que envolvem a sua prática, em que momento a gestão escolar deve oferecer auxílio ao educador nas suas dificuldades pedagógicas, e para saber como aplicar determinadas práticas pedagógicas, a avaliação do processo de mediação é fundamental para apontar a direção em que o educador deve seguir.

### 3 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

#### 3.1 A metodologia aplicada

Para chegar aos resultados desta pesquisa a metodologia utilizada foi a de abordagem qualitativa, que segundo Lakatos e Marconi (2011, p. 270) compreende uma “[...] análise mais detalhada sobre investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc.” Sendo assim, a pesquisa teve como finalidade analisar se o egocentrismo infantil interfere nas relações sociais entre as crianças e quais são os seus impactos na vida dos personagens retratados.

Ainda nesta pesquisa, usou-se meios de investigação de cunho descritivo e exploratório, a fim de apresentar todas as teorias e discussões acerca dos pontos debatidos que foram necessários para entender a base teórica que norteou esta pesquisa até chegarmos aos resultados que são expostos e discutidos no capítulo de resultados e discussões.

Sendo assim, utilizou-se nesta pesquisa de abordagem qualitativa nos capítulos do referencial teórico, metodologia e resultados e discussões, a pesquisa bibliográfica, que segundo De Macedo (1995, p. 13):

[...] é a busca de informações bibliográficas, seleção de documentos que se relacionam com o problema de pesquisa (livros, verbetes de enciclopédia, artigos de revistas, trabalhos de congressos, teses etc.) e o respectivo fichamento das referências para que sejam posteriormente utilizadas (na identificação do material referenciado ou na bibliografia final).

Os sites de educação utilizados para a busca do material bibliográfico foram: scielo, google acadêmico, scribd, docero e lelivros. Dessa forma buscou-se através do material bibliográfico conhecer, entender, analisar, refletir, relacionar e comparar a teoria piagetiana com as situações e problemas observados, além de relacionar e discutir outras pesquisas publicadas de outros teóricos que trouxeram grandes contribuições para o conhecimento científico.

Tais observações foram realizadas a partir da análise dos filmes: A fantástica fábrica de chocolate (2005) e Tentação fatal (1999). A análise de relações segundo Lakatos e Marconi (1992, p.26) compreende:

Uma análise mais completa exige não só a evidência das partes principais do texto, mas também a indicação de quais delas se relacionam com o tema ou hipótese central.

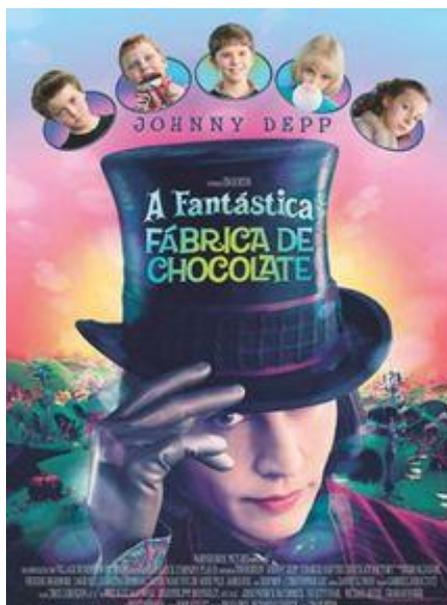
A análise das relações permite verificar se há ou não coerência em relação aos elementos, entre as diferentes partes do texto e entre elas e a ideia central.

Por esse motivo, a análise buscará observar se há uma relação do egocentrismo com os conflitos que serão observados. Portanto, a análise de relações é muito importante para obter os resultados desta pesquisa.

### **3.2 Sobre os filmes escolhidos: O contexto e os personagens**

No capítulo de resultados e discussões é analisado e discutido sobre o enredo das tramas e suas relações com as teorias estudadas, porém, foi dado pouco enfoque ao contexto da vida dos personagens, que tanto contribuíram para os resultados desta pesquisa. O filme “A fantástica fábrica de chocolate” de 2005, do diretor Tim Burton é um remake da versão original de 1971 do diretor Mel Stuart. Esta obra é um grande filme que passa ao telespectador o egocentrismo de seus personagens, a vida, os costumes ultrapassados, as relações sociais entre as crianças e entre os adultos e as crianças, e também a extravagância da família burguesa do século XX, não havendo diferença da atual realidade da família burguesa do século XXI.

O cenário fictício da maior fábrica de chocolate do mundo, foi onde constatou-se as atitudes mais egocêntricas tanto da parte das crianças e como da parte dos adultos, o filme não deixa claro a idade das crianças, mas percebe-se que estão na faixa etária de 10 a 12 anos. A fábrica é a realização de um sonho de infância de Willy Wonka, que não teve o direito de comer chocolate na infância proibido pelo pai que era dentista, pois segundo o pai de Willy Wonka, o chocolate poderia estragar os dentes do filho que estava em tratamento ortodôntico e ainda criar cáries dentária.

**Imagem 1-** Pôster do filme

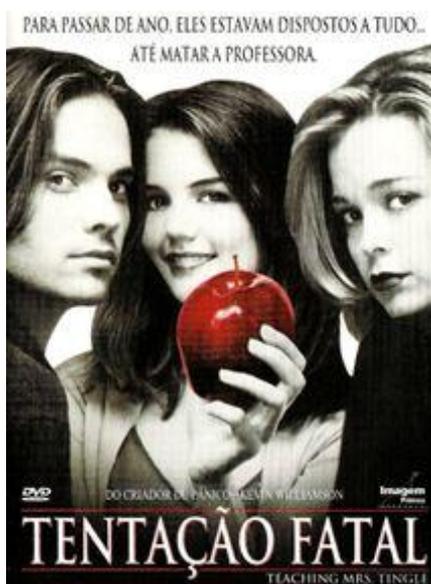
Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-52933/>

O filme traz ainda a relação entre pais e filhos bem como a relação da mãe narcisista, onde a filha que tem que realizar tudo o que a mãe queria ter realizado em sua juventude. A relação da mãe liberal em demasia que confunde educação com fazer todos os gostos do filho, a relação do pai conformista que se conforma com os modos do filho ao assumir que essas coisas são típicas de sua idade. Além disso, ainda vemos a relação da família pobre representando o proletariado, que sobrevivia do pouco que o pai ganhava trabalhando numa fábrica de pastas de dente e sendo ele demitido ao ter o seu trabalho substituído pelo trabalho de uma máquina, expondo os efeitos do capitalismo no mercado de trabalho nas condições sociais da população mundial, onde o lucro da empresa vale mais que o bem estar social das famílias que necessitam de trabalho e educação de qualidade para viver.

Quanto a caracterização dos personagens na trama, observou-se que todas as crianças e pais observados são brancos, faltando ao filme a diversidade cultural de raças no contexto em que se passam as relações sociais entre as crianças e demais personagens. Em relação a condição social dos personagens, observou-se que o filme traz as três condições que compõe a pirâmide social que está configurada na grande maioria dos países capitalistas, sendo elas a classe burguesa ou elite, a classe média e a classe baixa ou proletariado. A família representado a classe alta é a da personagem Veruca Salt, as famílias representando a classe média são a dos

personagens Augustus Gloop, Violet Beauregarde e Mike Teavee, e representando a classe baixa a família do personagem Charlie Bucket.

**Imagem 2** - Segundo filme



**Fonte:** <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-21190>

O filme “Tentação Fatal” de 1999 do diretor Kevin Williamson, foi escolhido para a análise por ter em seu enredo, os conflitos gerados a partir de uma cópia de uma prova de história que foi parar nas mãos da professora de história que ficou revoltada com a falta de educação dos alunos da escola estadual Greensboro. A trama adolescente chama atenção para o egocentrismo dos alunos, o comportamento dos alunos, indisciplina, problemas familiares, uso de bebida alcoólica, brigas, violência física e psicológica, sequestro, chantagem sexual e alteração de documentos.

Como a imagem de apresentação sugere, os alunos tentam ser aprovados de todo jeito, até mesmo falam em dar fim a vida professora. O filme não foi e até hoje não é uma grande obra considerada pela academia de cinema e nem por alguns cinéfilos, porém o que nos chama a atenção é o contexto retratando a educação e o comportamento dos alunos diante dos seus desejos que devem ser realizados a qualquer custo, por isso, interessou-nos a trama que foi indicada para ser analisada.

O cenário onde se desenvolve a maior parte dos conflitos analisados é a casa da professora Tingle, que foi ocupada pelos estudantes durante os dias em que eles mantiveram a professora refém dos seus planos de saírem ilesos das denúncias que a professora Tingle afirmou que iria fazer para a direção da escola.

### 3.3 A coleta de dados

As falas expostas no capítulo de resultados e discussões foram coletadas mediante a exibição dos filmes em casa e os diálogos transcritos de acordo com a fala de cada personagem. Foi necessária uma semana de coleta de dados para cada filme, somando duas semanas para obter os resultados. As falas dos personagens descritas nos resultados e discussões, foram usadas em sua forma original de dublagem, sem adequação para a norma padrão da língua portuguesa, por motivos de que houve a necessidade de descrever as falas o mais real possível para que o leitor pudesse sentir o que pretende-se passar com as análises.

A discussão e a ligação das teorias apresentadas com os resultados levaram mais duas semanas até a conclusão da análise.

As imagens foram coletadas mediante a utilização do recurso de captura de tela chamado *printscreen* que consiste em tirar uma foto da tela que está sendo usada. Os filmes podem ser acessados em sites e plataformas de assinatura de filmes e séries.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **4.1 O egocentrismo infantil retratado no filme: A fantástica fábrica de chocolate**

O primeiro filme escolhido para analisar o egocentrismo infantil de acordo com os autores referenciados foi o filme de fantasia “A fantástica fábrica de chocolate” dirigido por Tim Burton em uma nova versão, lançado em 2005 que traz em seu enredo a história de Charlie Bucket, um menino de classe social baixa e que divide sua humilde casa com os pais e os quatro avós.

A fantástica fábrica de chocolate é um filme conhecido por representar o egoísmo dos seus personagens independentemente da idade deles, focando em especial no egoísmo das crianças. De acordo com a análise dos diferentes contextos familiares, a relação de exploração do trabalho e as consequências do sistema capitalista, é possível compreender que cada uma das atitudes egocêntricas das crianças é reforçada conforme a situação e o ambiente que elas vivem.

A primeira cena retratando o egocentrismo, de acordo com a teoria de Piaget sobre o egocentrismo adolescente que se manifesta no período das operações formais a partir dos 12 anos, formulada por Piaget e discutido anteriormente a partir dos estudos de Rizzi e Costa (2004), traz a história do príncipe Pondicherry de Nova Deli na Índia, que ao escrever uma carta a Willy Wonka, considerado o maior chocolateiro do mundo na trama, pede a construção de um palácio colossal feito inteiramente de chocolate.

Willy Wonka após a construção do palácio orienta o príncipe para que não demore comer o palácio, pois sendo de chocolate a qualquer momento poderia derreter. O príncipe ignorando suas orientações não aceita a opinião de Wonka e diz que morará no castelo para sempre, porém, em um dia de sol escaldante, o palácio começa a derreter completamente em cima do príncipe e da princesa, vindo abaixo em segundos, provando ao príncipe que nem sempre pode-se satisfazer o ego quando ele quer.

**Imagem 3** - A fala egocêntrica do Príncipe Pondicherry



**Fonte:** A fantástica fábrica de chocolate, 2005.

De acordo com a pesquisa sobre o egocentrismo, pode-se destacar as falas, “Bobagem. Não vou comer meu palácio.” como um exemplo de egocentrismo após a adolescência, haja vista que a negação “não” e o pronome possessivo “meu” colocam em evidências que o príncipe não aceita uma opinião contrária a sua, esses são traços de uma linguagem egoísta, infantil, que mesmo depois de ter passado pelos estágios de desenvolvimento cognitivo não abandonou a centração no seu próprio ponto de vista, permanecendo o príncipe no egocentrismo adolescente.

A primeira criança a encontrar o convite dourado para passar um dia conhecendo a fábrica de chocolate de Willy Wonka e ainda concorrer a um grande prêmio é Augustus Gloop de Düsseldorf na Alemanha, filho de açougueiros come chocolate a hora que quer sem a atenção dos pais para controlá-lo, por isso foi o primeiro a encontrar o convite para conhecer a fábrica. Augustus Gloop mostra seu lado egocêntrico quando está conhecendo a fábrica com sua mãe, mais quatro crianças acompanhadas por seus responsáveis e Willy Wonka, o dono da fábrica que presume saber o nível de egocentrismo infantil de cada criança, como foi observado no filme.

Augustus Gloop em um diálogo com Charlie Bucket, uma das quatro crianças selecionadas, exhibe uma fala totalmente egocêntrica quando finge interesse em dividir seu chocolate com Charlie.

**Imagem 4** - Augustus Gloop desconhece o compartilhar



**Fonte:** A fantástica fábrica de chocolate, 2005.

A cena revela o egoísmo do menino através da sua fala, cenas como essas são comuns na sala de aula, nas creches por exemplo, as crianças costumam levar lanches para comer na sala de aula e acabam entrando em conflito por não querer dividir o lanche. Na maioria dos casos, as crianças que tem uma condição social melhor que as outras, como na cena retratada, acabam “esnobando” os outros colegas exibindo seu egocentrismo infantil.

Segundo o que La Taille (1992) apresenta em relação a teoria piagetiana acerca do egocentrismo infantil tal fenômeno representado na cena acima é visto com preocupação, pois segundo a autora a ausência do sentimento de enxergar o outro além de si próprio, interfere nas relações afetivas e como mostra o filme, quatro das cinco crianças não estabeleceram uma relação de companheirismo e respeito entre eles, apenas Charlie Bucket mostrou-se o menos egoísta e ficou claro que o mesmo queria ter criado laços afetivos com as outras crianças.

Veruca Salt é a segunda criança a encontrar o convite dourado e, portanto a segunda personagem da análise, filha de burgueses, os pais realizam todos os desejos da menina, por esse motivo o pai comprou caixas de chocolate em larga escala, apenas para encontrar o convite dourado para conhecer a fábrica, colocando mais de cem funcionárias para trabalhar abrindo os chocolates, colocando em evidência a exploração do trabalho no sistema capitalista, tendo em vista que os pais da menina são donos de uma grande fábrica de processamento de nozes.

Após 3 dias de muita exploração de mão de obra e desperdício de alimento, já que mais de mil chocolates foram abertos apenas para agradar o ego da menina, ela ainda continua insistindo pelo bilhete até que uma funcionária encontra.

A menina é constantemente influenciada pela família e pela sua condição social a ser egocêntrica desde pequena. O pai da menina em uma cena com outro pai de uma condição social inferior à dele, mostra-se completamente egocêntrico após afirmar que não fala a mesma língua do pai da outra criança.

**Imagem 5** - A relação da burguesia com o proletariado



**Fonte:** A fantástica fábrica de chocolate, 2005.

A fala expressada pelo pai de Veruca revela o egocentrismo presente na classe dominante, onde o proletariado é visto como uma classe inferior. De acordo com a colocação de Fonzar (1986) quando Piaget afirma que o egocentrismo é um problema de natureza cognitiva ele não exclui as consequências de caráter moral, social e pedagógica, ou seja, a linguagem do pai da menina evidencia que o egocentrismo da menina é reforçado socialmente pelo ambiente que a cerca, sendo ainda, moralmente influenciada pela conduta da família.

O universo próprio do egocentrismo infantil da menina fica explícito no diálogo, *A fantástica fábrica de chocolate* (2005):

- Papai, eu quero entrar — Disse a menina.
- São 9h59, querida — Respondeu o pai.

— Faça o tempo andar mais rápido — Insistiu a menina.

A fala “faça o tempo andar mais rápido” sinaliza uma linguagem egocêntrica que segundo De Faria (1989, p.49) “A fala ocorre mais em função das necessidades imediatas do pequeno (obter coisas, brincar etc.) do que em função de uma comunicação social.” No diálogo fica evidente a necessidade imediata da menina em entrar na fábrica, sem se importar com o horário estabelecido para entrar.

Dentro da fábrica a menina apresenta mais diálogos egocêntricos quando pede ao pai que lhe compre um esquilo quebrador de nozes, A fantástica fábrica de chocolate (2005):

— Papai, eu quero um esquilo. Me compra um esquilo desses. Eu quero um!!!

— Ordenou a menina.

— Veruca, querida! Você já tem muitos mascotes — Lembrou o pai.

— Eu só tenho em casa um pônei, dois cães, quatro gatos, seis coelhos, dois periquitos, três canários, um papagaio verde, uma tartaruga e um hamster pra lá de velho! Eu quero um esquilo! — Pediu a menina justificando-se.

— Está bem minha filha, papai vai comprar um esquilo assim que for possível

— Garantiu o pai da menina.

— Mas eu não quero um esquilo qualquer, eu quero um esquilo treinado!!! — Exigiu Veruca.

— Muito bem — Concordou o pai.

Constrangido pelo pedido exigente da menina, o pai pergunta a Willy Wonka se ele vende um esquilo:

— Sr. Wonka, quanto quer por um desses esquilos? Diga seu preço! — Questionou o pai.

— Não, não estão à venda. Ela não vai ter um!!! — Respondeu Willy Wonka intrigado com a falta de educação da menina.

Revoltada por não ganhar o esquilo desejado a menina afirma:

— Se não quer me dar um esquilo, vou pegar um eu mesma!!!

Ignorando as recomendações do Sr. Wonka para que não mexa com os esquilos porque são muito bravos, Veruca pula as grades para tentar pegar um esquilo e é selvagemmente atacada por dezenas deles, sendo logo após jogada na lixeira aonde os esquilos jogam as nozes estragadas, pois segundo os esquilos a menina está estragada.

A música cantada pelos funcionários da fábrica questiona a educação da menina, segundo a letra: “Quem é culpado por mimar? E a garota estragar? Quem foi que não a educou? Quem é culpado? Quem errou? A culpa é, de quem já vai. Da sua mãe, e do seu pai.”

Ao analisar o trecho, observa-se a ligação existente com a teoria de Piaget quando ele coloca que o egocentrismo infantil também é um problema de caráter social, à medida que a menina ganha tudo o que quer, acredita que conseguirá tudo o que quiser e quando quiser, partindo desse ponto de vista De Faria (1989, p.48) observa que “a acomodação é feita em relação ao ‘eu’, isto é, aos sentimentos e às necessidades infantis.” Fica explícito a necessidade da menina em ter um esquilo quebrador de nozes, apenas para satisfazer o próprio ego e ter mais um animal em sua coleção.

Violet Beauregarde é a terceira criança analisada a encontrar o convite dourado, por ter uma mãe narcisista a menina é constantemente influenciada a ganhar todos os campeonatos que participa e ser a melhor em tudo, como se a menina estivesse realizando coisas que a mãe não conseguiu realizar na infância, sendo assim a mãe anseia pela entrada da filha na fantástica fábrica de chocolate. O egocentrismo infantil da menina é tão forte e evidente que afirma não ligar para as outras crianças que entrarão na fábrica com ela, pois de acordo com ela o prêmio é dela. Conforme o estudo de De Faria (1989) Piaget observou a disputa e a discussão como um dos traços do egocentrismo infantil, aonde o contexto que envolve a menina está baseado na disputa constante pelo prêmio.

Diálogo expressando o sentimento competitivo da menina, A fantástica fábrica de chocolate (2005):

— Aqui diz que uma das crianças vai ganhar um prêmio especial. Melhor do que o dos outros??? Eu nem ligo pra quem sejam os outras quatro. Quem vai ganhar? Claro que sou eu!!! — Violet respondeu com muita convicção.

— Diga porque Violet — Incentivou a mãe.

— Porque sou uma vencedora!!! — Se auto vangloriou a menina.

Em mais uma fala ela volta a afirmar:

— Sr. Wonka, sou Violet Beauregarde — Puxou a conversa com o Sr. Wonka.

— Ah!! Eu não ligo — Sr. Wonka respondeu.

— Devia ligar porque sou eu que vai ganhar o prêmio especial no fim — Repetiu e insistiu mais uma vez a menina.

A fala expressada pela menina pode ser compreendida como o que Freud expos em seus estudos sobre a infância, chamando atenção para o narcisismo primário, que de acordo com as pesquisas de Shirahige e Higa (2003), Freud afirma que a criança não distingue o eu e o eu do outro, se colocando sempre em primeiro lugar como sendo o melhor, ou seja ela cria um amor objetal sobre si mesma. A partir disso, Freud afirma que a criança torna-se sádica e egoísta nos primeiros anos da infância.

Em um novo diálogo com uma das crianças convidadas para o passeio a menina destrata um colega e repete seu diálogo de auto vanglória, *A fantástica fábrica de chocolate* (2005):

— Pra que guardar o chiclete? Por que não abre outro? — Perguntou Charlie após ver Violet pegar uma maçã, tirar o chiclete da boca e colocá-lo atrás da orelha.

— Porque daí eu não seria uma campeã. Seria uma perdedora como você — Respondeu arrogantemente, Violet.

As falas da menina chamam atenção para o que De Faria (1989, p.53-54) observou nas pesquisas de Piaget sobre a fala egocêntrica, segundo ela:

As críticas e as zombarias, entre os pequenos, têm apenas a função de satisfazer ao amor-próprio, às necessidades de combatividade ou de emulação. Mesmo que, aparentemente, as críticas sejam objetivas, na verdade contêm julgamentos de valor muito subjetivos. Não são verificações verdadeiras.

Fazendo um paralelo com o ponto de vista da autora acima, segundo La Taille (1992, p. 16) descreve:

A qualidade de suas trocas intelectuais com outrem ainda define um grau de socialização precário, onde ela se encontra ainda isolada dos outros, não por estar plenamente consciente de si e fechada em si mesma por alguma decisão autônoma, mas por não conseguir usufruir da riqueza que essas trocas lhe trarão mais tarde.

Com base nesses pontos destacados, observa-se que o diálogo evidencia o narcisismo primário existente na personalidade da menina, descrito diversas vezes por Freud. Não é saudável para ela mascar o mesmo chiclete a meses, por causa das competições, porém esse contexto nos mostra que essa realidade não é uma realidade diferente das que os educadores enfrentam na escola, na sala de aula.

A maioria dos pais dos alunos refletem seus egos narcisistas nos filhos, não se dando conta de que isso afeta na educação e na sua saúde física e psicológica. A música representando a situação da menina chama atenção ao destacar: “A cada dia cresce mais, mandíbulas fenomenais. E com um baita mordidão, ao meio a língua cortarão. E por isso a gente vai tentar, salvar a pobre Beauregarde.”

A quarta criança analisada é Mike Teavee, um menino egoísta, sádico e agressivo, sendo ele mais uma criança exemplo das teorias discutidas por Piaget e Freud. Em alguns diálogos o menino fala para o videogame: “Morre! Morre! Morre!”. Em uma cena passeando pela fábrica o menino destrói uma abóbora feita de doces usando o argumento de que Willy Wonka mandou as crianças se divertirem.

Diálogo entre Mike Teavee e o pai, *A fantástica fábrica de chocolate* (2005):

— Filho, o que é isso? — Perguntou o pai ao ver o filho destruir uma abóbora feita de doces.

— Pai, ele falou: Divirta-se — Justificou o menino.

**Imagem 6** - Destruir é sinônimo de diversão



**Fonte:** *A fantástica fábrica de chocolate*, 2005.

A cena apresentada na imagem confirma a teoria de Freud sobre o lado sádico da criança na infância e a teoria piagetiana, segundo Fonzar (1986) Piaget observa que é no brincar que a criança deixa transparecer suas atitudes egocêntricas e a cena de destruição da abóbora feita de doce acabou se tornando uma brincadeira para o menino.

Em mais uma cena o menino apresenta uma linguagem egocêntrica, *A fantástica fábrica de chocolate* (2005):

— Será que você não percebe que é inventor? É um tele portador! É a invenção mais importante da história do mundo! E você só pensa em chocolate!!! — Disse o menino intrigado.

— Calminha Mike! Acho que o Sr. Wonka sabe muito bem o que está falando — Diz o pai do menino.

— Não sabe não! Ele não faz ideia! Você acha que ele é um gênio, mas é um idiota! Mas eu não sou! — Respondeu o menino correndo em seguida batendo em tudo que visse pela frente para entrar no teletransportador, ignorando as recomendações sobre os perigos de entrar na máquina.

A fala do menino evidencia que o mesmo não consegue aceitar que o Sr. Wonka seja uma pessoa que também entenda de tecnologia e até mais do que o menino. De acordo com De Faria (1989, p. 54) “[...] podemos perceber que as críticas, nessa fase do desenvolvimento, são destinadas a afirmar o ‘eu’ ou assegurar a superioridade infantil[...]” tendo em vista essa observação, o menino acredita que o conhecimento válido é o dele comprovando o que Piaget descreve como egocentrismo gnosiológico no qual consiste em a criança acreditar que o único conhecimento aceitável é o seu, o seu mundo gira em torno da sua própria verdade.

A quinta e última criança analisada é Charlie Bucket, uma criança que cresceu ouvindo histórias do avô que trabalhava na fábrica, por isso alimentava o sonho de um dia conhecê-la. Mesmo sendo este o seu sonho, com o convite em mãos o menino diz aos pais que não irá pois eles precisam de dinheiro para sobreviver e ofereceram a ele até 500 dólares pelo convite, mostrando que ele é o menos egocêntrico das cinco crianças.

A partir disso é importante observar que o contexto familiar de Charlie Bucket, no qual ele divide o pequeno espaço de sua casa com seus quatro avós e seus pais, faz com que ele aprenda a compartilhar e ter respeito pelas pessoas, diferentemente das outras quatro crianças que pelo que o filme exhibe, são filhos únicos e ganham tudo dos pais, não tendo com quem dividir. Sendo assim, La Taille (1992), destaca que Piaget aponta a cooperação como possibilidade de desenvolvimento das operações entre os grupos de indivíduos com duas ou mais pessoas com opiniões diferentes, ou seja, a cooperação favorece a troca de diálogo entre esses indivíduos.

## 4.2 A representação do egocentrismo, sociocentrismo e violência escolar no filme: Tentação fatal

O filme analisado “tentação fatal” de 1999 do diretor Kevin Williamson é uma comédia adolescente que traz em sua trama a história de três adolescentes estudantes da escola Greensboro, nos Estados Unidos, extremamente egoístas e uma professora de história que é sequestrada por eles, que sofre agressão física, ameaças e chantagens em sua própria casa durante vários dias. Sendo o filme tentação fatal uma história diferente da história do filme a fantástica fábrica de chocolate, eles têm em comum nas suas tramas o egocentrismo como tema principal, por esse motivo ele foi escolhido para completar a análise sobre o pensamento egocêntrico.

As cenas retratando o egoísmo adolescente e o sociocentrismo envolvem três alunos: Leigh Ann Watson, Luke Churner, Jo Lynn Jordan e a professora de história Mrs. Tingle. No filme a fantástica fábrica de chocolate o egocentrismo infantil mais evidente é o egoísmo apresentado pelas quatro crianças mais mimadas, no filme tentação fatal o egocentrismo infantil é evidenciado nos adolescentes.

Dessa forma é importante observar que o estudo de Piaget sobre a temática enfatiza que o egocentrismo estará presente em todas as fases de desenvolvimento do indivíduo, podendo ele ser extenuado de acordo com a descentração do próprio ponto de vista ou podendo ele ser acentuado segundo as vivências do indivíduo. Segundo Fonzar (1986, p. 100) aponta:

[...] dentro duma perspectiva de desenvolvimento integral e harmônico, prejudicado o processo cognitivo, tudo o mais ficará comprometido. Basta imaginar as consequências que um egocentrismo acentuado e tardio poderá ter sobre os campos afetivo e moral, sobre os domínios da linguagem e da comunicação social (diálogo e cooperação), etc. Problemas que urgem tanto o psicológico quanto o educador.

A revolta egocêntrica dos alunos da professora Tingle começa quando ela descobre que eles tinham uma cópia da prova de história, que seria a última prova classificatória para entrar na universidade de Harvard, sendo essa a grande oportunidade da aluna Leigh Ann conseguir a tão sonhada vaga para a universidade. A professora enfurecida pelo ato dos alunos, resolve que irá mostrar a cópia da prova

para a direção da escola, a ameaça foi vista com grande preocupação por parte dos alunos pois a vaga na universidade estaria ameaçada pela denúncia da professora.

A partir disso a trama apresenta como o egocentrismo desses alunos tornou a situação em um conflito que durou dias. Movidos pela intenção de ajudar Leigh Ann, Luke e Jo Lynn vão até a casa da professora para tentar uma negociação que os livre de uma possível expulsão e perda da vaga na universidade.

Analisando a cena percebe-se que o egocentrismo na adolescência começa a tomar uma forma diferente da linguagem egocêntrica da infância, pois agora os alunos conseguem chegar a um consenso de que decisão tomar sem haver uma disputa falada entre si, como possivelmente aconteceria na infância. Porém mesmo com o egocentrismo infantil sendo deixado para trás, a partir da decisão do grupo, surge o sociocentrismo entre eles, onde a verdade considerada é a verdade do grupo, sendo desconsiderado o ponto de vista da professora, que tendo seus motivos para entregar os alunos não pondera mudar de ideia, passando ao público a imagem de que ela também é egocêntrica, mas segundo as falas da mesma, tudo que ela deseja é que seus alunos aprendam com seus erros e sejam pessoas melhores. O trecho em que a professora se justifica será apresentado mais adiante na análise.

Diálogo entre a professora e os alunos, mandando-os embora de sua casa, *Tentação fatal* (1999):

— Sugiro que saia — Disse a professora.

— Dane-se a senhora — Falou com desrespeito o aluno Luke.

— Saiam da minha casa agora, os dois!!! Eu quero os três fora da minha casa antes que eu chame seus pais — Insistiu a professora mais uma vez após Jo Lynn entrar na casa — saiam da minha casa ou eu vou ligar pra polícia — Ameaçou a professora na tentativa de se livrar dos alunos.

Percebendo que a professora não entraria em um acordo e já iria ligar para a polícia, Luke a ameaça com um arpão, uma arma medieval capaz de matar dependendo do local atingido.

**Imagem 7** - Luke ameaça a professora Tingle



**Fonte:** Tentação fatal, 1999.

De acordo com o que foi discutido anteriormente no referencial teórico sobre a agressividade, os autores De Assis e Marriel (2010) afirmam que a ato agressivo é um impulso nato diante de uma ameaça ou situação de perigo, segundo as teorias freudiana. A cena de violência que envolve Luke e a professora Tingle confirma a teoria de Freud, assim como também as cenas que observamos na escola, quando as crianças ao se sentirem ameaçadas por outras partem imediatamente para a agressão física, moral ou psicológica.

Os alunos não desistem e um deles ameaça mais uma vez a professora Tingle, Tentação fatal (1999):

— Tá na hora de você aprender uma lição — Falou em tom de ameaça Luke.

— Não!!! Não seja idiota, larga isso — Leigh Ann pede a Luke que solte o arpão.

— Não até que ela concorde com algumas coisas — Insistiu Luke andando em direção a professora Tingle apontando o arpão para ela.

— E que coisas seriam essas? senhor Churner??? — Questionou a professora.

— Você não pode continuar tratando as pessoas desse jeito — Disse luke.

— Não??? — Questionou professora Tingle. Em seguida dando um tapa em Luke, tira de suas mãos o arpão e fala:

— Perdeu senhor Chuner!!! Saiam da minha casa, todos vocês!!! — Largando o arpão em cima de uma mesa, Luke tenta mais uma vez pega-lo de volta para ameaçá-la entrando em desespero Leigh Ann e Jo Lynn pois sabem que o pior irá acontecer. Movida pelo impulso de livrar Luke do conflito agressivo entre ele e a

professora, Jo Lynn pega o arpão e o dispara acidentalmente atingindo a professora de raspão na cabeça.

**Imagem 8** - A professora desmaia após ser atingida na cabeça



**Fonte:** Tentação fatal, 1999.

Observada a cena de violência contra a professora Tingle, percebe-se que cenas como essa, infelizmente, ainda hoje são comuns nas escolas ou fora delas. Segundo D'Agostini (2019):

De acordo com os dados de uma pesquisa feita pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) sobre violência em escolas com mais de 100 mil professores, o Brasil lidera o ranking de agressões contra docentes. Dentre os professores ouvidos, 12,5% afirmaram ser vítimas de agressões verbais ou intimidações de alunos. [...] dados divulgados sobre uma pesquisa feita pelo Sindicato dos Professores de São Paulo apontam que mais da metade dos docentes da rede estadual de ensino afirmam já ter sofrido algum tipo de agressão, sendo a mais comum a agressão verbal (44%), seguida por discriminação (9%), bullying (8%), furto/roubo (6%), e agressão física (5%).

Os dados apresentados revelam que a cena de agressão verbal e física exibida no filme, não é uma realidade que se restringe apenas ao mundo cinematográfico mas que também reflete a realidade da educação seja ela dentro ou fora do Brasil. Observa-se ainda, que nessa cena o egocentrismo deixa de ser apenas uma linguagem egoísta e passa para um ato de violência. Conforme o que Ristum (2010) estabeleceu, a cena é um retrato da violência escolar no qual é expressada em diversas modalidades e uma delas é a violência de aluno contra professor e violência

de professor contra aluno, visto que a professora desferiu um tapa em Luke mesmo sendo em legítima defesa.

Ainda na mesma cena Jo Lynn exhibe seu lado sádico e egoísta no diálogo, *Tentação fatal* (1999):

— Ela vai dar queixa!!! Por que que a gente não mata logo ela??? — Perguntou para Leigh Ann e Luke.

— Não! A gente não pode matar, temos que pensar bem agora! — Respondeu Leigh Ann temendo as consequências do ato que os três cometeram.

A pergunta da aluna “por que que a gente não mata logo ela?” demonstra que a aluna está mais preocupada em tirar uma vida para não vir à tona o erro deles, do que assumir os erros e buscar uma solução. Diferentemente do egocentrismo na infância onde a falta de consciência do “eu” na criança é o que a faz egocêntrica, conforme as pesquisas de Piaget, na adolescência, pelo que a trama apresenta, os alunos mostram plena consciência do que estão fazendo ao manterem a professora presa em sua própria casa.

Conversa entre Luke e Jo Lynn mostrando que eles têm total consciência do que estão fazendo, *Tentação fatal* (1999):

— Olha por que não vai pra casa e descansa? — Perguntou Luke.

— Prefiro ficar com você — Respondeu Jo Lynn.

— Eu cuido disso. Pra começar a culpa foi minha. Deixa que eu resolvo — Assegurou Luke.

Em outro diálogo, Leigh Ann lendo sobre direito penal relembra Luke que eles são culpados por toda a situação de conflito que estão envolvidos, *Tentação fatal* (1999):

— Se nós não convenceremos o tribunal de que nós somos as vítimas, vamos ser acusados de agressão e conspiração por acobertar um crime — Disse Leigh Ann preocupada.

— Nós somos as vítimas, aquela mulher levou a gente a medidas drásticas!!! — Alegou Luke querendo se justificar.

— Atiramos nela com uma arma, amarramos ela na cama e mantivemos presa nas últimas dezoito horas, nós passamos do limite — Assume Leigh Ann.

**Imagem 9** - Professora Tingle é mantida presa em sua própria casa



**Fonte:** Tentação fatal, 1999.

A imagem apresentada corresponde com o que Moore (1998) escreveu, segundo ele o conflito pode ir além de discussões passando para algo mais violento que pode causar dano físico ou psicológico na vítima, podendo até mesmo destruí-la ao ponto de tirar-lhe a vida, tal como na cena em que Jo Lynn sugere matar a professora para eles não serem responsabilizados pelo crime cometido.

A aluna admite que o que eles estão fazendo com a professora é errado, porém eles não pensam em admitir que estão errados e assumirem a culpa, pelo contrário, eles elaboram um novo plano para chantagear a professora Tingle que consiste em tirar fotos seminuas da professora com um aluno para chantageá-la.

Diálogo entre os alunos discutindo sobre a chantagem, Tentação fatal (1999):

— O quê que você acha??? — Perguntou Luke para as meninas.

— Chantagem??? — Questionou de volta Jo Lynn.

— Fotos comprometedoras. Eu vou pra cama com a Tingle e depois fazemos ameaças!!! — Explicou o plano Luke.

— Ai que escândalo!!! Adorei, vai dar certo??? — Perguntou Jo Lynn animada mas Leigh Ann disse que “não” e Luke afirmou que “vai”, ao mesmo tempo.

— É errado, é imoral e a gente... — Leigh Ann é interrompida por Luke que diz:

— Ela também é — Falou Luke se referindo a professora.

Jo Lynn tenta a todo custo convencer Leigh Ann a continuar com o plano mesmo sabendo das consequências que isso pode gerar, Tentação fatal (1999):

— Leigh Ann você sempre faz a coisa certa e o máximo que conseguiu foi o segundo lugar, agora é hora de você ouvir aquela voz dentro da sua cabecinha, escuta dessa vez pelo amor de Deus — Pediu Jo Lynn a amiga.

— Nós não vamos tocar nela, só vamos apresentar as opções — Disse Luke na tentativa de convencer Leigh Ann.

— Esse não pode ser o único jeito de entrar para a faculdade — Argumentou Leigh Ann.

— Mas é isso que tem que fazer. Só tem que pensar nisso como se fosse uma atriz interpretando um papel, se acreditar no personagem e acreditar que vai dar certo, dá certo!!! Só dessa vez Leigh, pelo seu futuro! Pelo nosso! — Implorou Jo Lynn.

— Eu nem tenho futuro — Enfatizou Luke e depois afirmou — Mas eu só sei que não quero ir pra cadeia.

— Pensa na sua mãe, sabe que ela ia morrer com isso — Tentou Jo Lynn pela última vez convencer Leigh Ann.

— Bom, se vamos encarar tem que valer a pena né??? — Concordou Leigh Ann com o plano dos amigos.

— Ok!!! Iniciando operação escândalo. Agora precisamos de um plano, precisamos de suprimentos, precisamos de um aluno da escola pelado. Desculpe Luke mas a câmera não mente — Disse Jo Lynn animada.

— Ah!!! Uma garrafa de vinho e eu fico legal — Respondeu Luke.

— Tá bom, eu vou buscar a câmera. Luke você se encarrega de alimentar o diabo e Leigh a profecia de veterana: tudo vai dar certo, eu prometo, eu volto daqui algumas horas com a câmera! — Prometeu Jo Lynn.

A situação observada, para os três alunos virou uma diversão mostrando mais uma vez que a teoria de Piaget se mostra coerente ao dizer que é na brincadeira que é exibido o lado egocêntrico do indivíduo. Ao pensar que a situação é como se fosse um papel interpretado por uma atriz, a aluna Jo Lynn mostra que está pensando como se estivesse em um universo próprio, tal como Piaget descreveu sobre o universo próprio do indivíduo no egocentrismo, não se atentando para a situação real em que estão envolvidos, no qual se configura como um crime grave de violação de direitos.

Dessa forma, é importante ressaltar que segundo o código penal brasileiro, a lei<sup>15</sup> 13.718/2018 artigo 218-C declara que:

Art. 218-C. Oferecer, trocar, disponibilizar, transmitir, vender ou expor à venda, distribuir, publicar ou divulgar, por qualquer meio - inclusive por meio de comunicação de massa ou sistema de informática ou telemática -, fotografia, vídeo ou outro registro audiovisual que contenha cena de estupro ou de estupro de vulnerável ou que faça apologia ou induza a sua prática, ou, sem o consentimento da vítima, cena de sexo, nudez ou pornografia: Pena - reclusão, de 1 (um) a 5 (cinco) anos, se o fato não constitui crime mais grave.

Essa é a lei brasileira que alerta para as consequências da divulgação de conteúdos sexuais que causem danos a vítima, seja qual for o ato. Nos Estados Unidos, país de origem da trama, também existem leis para punir esse tipo de crime. Portanto, apesar de o filme tratar isso como uma comédia de drama adolescente ele também chama atenção para as consequências de expor conteúdo sexual na internet sem o consentimento da vítima. Por isso é necessário ensinar os alunos a respeitar a privacidade do outro, quanto mais cedo começar esse ensino mais conscientizados serão os alunos dos seus direitos e deveres.

De acordo com o que foi discutido no referencial teórico sobre o processo de mediação do ensino pelo professor, Meier e Garcia (2007) baseando-se na teoria da Experiência de Aprendizagem Mediada de Reuven Feuerstein, esclarece que é necessário desenvolver o cognitivo das novas gerações, pois fortaleceria a transmissão da cultura, valores e atitudes imprescindíveis para termos uma sociedade com mais empatia e respeito pelo outro.

Ainda analisando o filme, os alunos tomam o lugar da professora Tingle se passando por ela em uma ligação para a escola dizendo que ela irá faltar por uns dias porque está doente, mas na verdade a professora continua refém de seus alunos em sua própria casa. Eles alimentam a professora e nesses momentos ela aproveita para conversar com eles, até dá conselhos amorosos na tentativa de fazer os alunos se arrependem e soltar ela, mesmo sendo o seu esforço em vão.

Em outro momento da trama os alunos não conseguem colocar o plano de escândalo em ação na primeira oportunidade pois o treinador Wenchell chega à casa

---

<sup>15</sup> Disponível em: <https://andrealvino.jusbrasil.com.br/artigos/637227748/lei-13718-2018-divulgar-foto-video-de-nudez-ou-cena-de-sexo-passou-a-ser-crime-no-codigo-penal-brasileiro>. Acesso em: 12 set. 2020.

de Tingle, forçando os alunos a pensarem em um novo plano para distrair o treinador, no qual consiste em se passarem mais uma vez pela professora Tingle.

Após embebedarem o treinador Wenchell os alunos o levam para a cama de Tingle e a obrigam a tirar as fotos com o professor desacordado, insinuando que os dois tem um caso, no que resultaria na destruição do casamento do treinador Wenchell caso as fotos fossem divulgadas pelos alunos, porém, isso não chega a acontecer na trama.

**Imagem 10** - Preparação para tirar as fotos para a chantagem



**Fonte:** Tentação Fatal, 1999.

Em um dos diálogos finais entre seus alunos a professora Tingle expõe seu ponto de vista sobre a educação dos alunos, Tentação fatal (1999):

— Por que a senhora é assim? Por que é tão amarga? E nervosa? Por que quer me destruir? — Questionou Leigh Ann para a professora.

— Não quero te destruir, quero te ensinar! — Respondeu a professora.

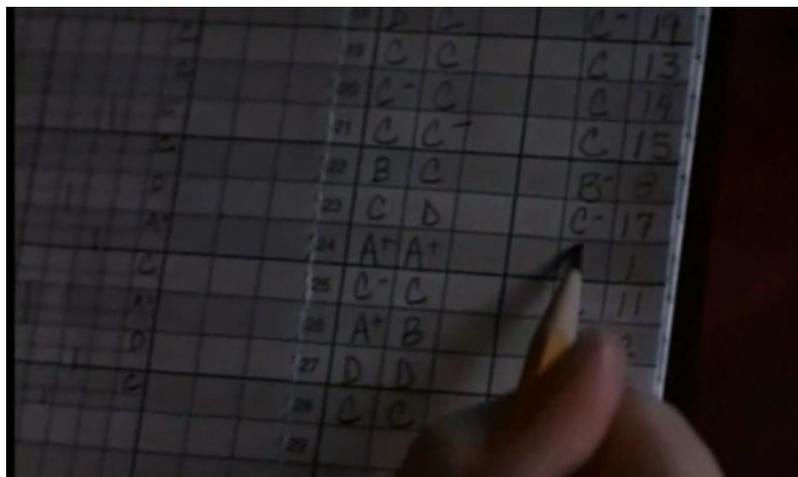
— Isso é piada!!! A senhora se esconde atrás do diploma mas na verdade tem inveja dos alunos que tem. Nunca saiu dessa cidade, estudou aqui e vai morrer aqui e odeia todo mundo que tem um futuro, todo mundo que vai sair e fazer a vida! — Disse Leigh Ann com indiferença.

— Não! Lamento pelo que vai fazer com a vida, os anseios bobos e egoístas da sua geração só vão trazer destruição e eu menosprezo isso!!! — Justificou-se a professora Tingle.

Mesmo após a conversa com a professora Leigh Ann não muda de ideia e falsifica sua nota no diário de classe da professora Tingle, para que assim ela fique

em primeiro lugar no projeto que garante vaga para a bolsa de estudos na universidade de Harvard.

**Imagem 11** - Leigh Ann altera nota no diário de classe



**Fonte:** Tentação fatal, 1999.

A atitude egocêntrica da adolescente mostra como a sua moral é colocada de lado para atender seus desejos, não importando se ela está tirando injustamente a vaga de outro aluno.

Em mais um diálogo entre os alunos, Luke diz “Foi só uma coisa animal que aconteceu por causa da situação intensamente masoquista” evidenciando que eles mesmo estão se induzindo ao sofrimento mantendo a professora presa em casa, pois segundo o dicionário<sup>16</sup> online de português o termo masoquista significa “Psicopatologia. Condição caracterizada pela mudança do estado normal que consiste na obtenção de prazer (sexual), através do próprio sofrimento (físico ou moral).” No caso deles é observado que em vários momentos eles mostram um lado sádico, egoísta e também masoquista, pois continuam provocando o próprio sofrimento físico e moral persistindo no plano.

A reflexão é válida também para a sala de aula, a todo momento o educador precisa estar ensinando aos alunos que eles precisam assumir seus erros para melhorar, o erro faz parte do processo de aprendizagem.

---

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.dicio.com.br/masoquismo/>. Acesso em: 13 de set. 2020.

**Imagem 12** - Violência gera violência



**Fonte:** Tentação fatal, 1999.

O conflito entre os alunos e a professora faz com que ela se torne menos compreensiva com eles de acordo com o passar dos dias em que fica amarrada em sua cama, desprovida de liberdade e sob ameaças constantes dos alunos. Por isso, nas cenas finais ela se revolta com os alunos e até ameaça um deles com o arpão, do mesmo modo como eles fizeram com ela no início da trama.

A revolta da professora é evidente durante todo o filme e é reforçado na fala “Peguei uma das minhas melhores alunas trapaceando e ela e o namorado entraram na minha casa e me atacaram.” Observa-se que no final do filme eles fazem uso da violência para acabar com o conflito, principalmente a professora que não aguenta mais ter sua privacidade invadida e seu direito de ir e vir violado.

**Imagem 13** - A professora Tingle é empurrada da escada



**Fonte:** Tentação fatal, 1999.

**Imagem 14** - A aluna se fere em briga com a professora



**Fonte:** Tentação fatal, 1999.

No final da trama a professora ainda leva a culpa pelo ocorrido e é demitida pelo diretor da escola. A situação envolvendo a professora e os alunos se assemelha ao que De Assis e Marriel (2010), estudando Krug, colocou como violência interpessoal onde esta se caracteriza pela ação de violência de uma pessoa contra outra, e como bem nos apresentou a trama, os dois lados cometem esse tipo de violência, os alunos por puro egoísmo e a professora como um ato de defesa.

Quando foi observado na creche que alguns conflitos, entre os alunos eram por causa do egoísmo, surgiu a hipótese de que elas brigam porque são completamente egocêntricas sem terem a consciência de seu egoísmo, tal como a teoria do egocentrismo infantil pesquisada e discutida por anos por Jean Piaget revelou quando disse que nessa fase a discussão, a zombaria e as críticas são típicos do pensamento egocêntrico.

O resultado das análises dos filmes “A fantástica fábrica de chocolate” e “Tentação fatal” confirmam a teoria piagetiana e a hipótese inicial de que o egocentrismo leva os indivíduos a entrarem em conflito. Em “A fantástica fábrica de chocolate” o egocentrismo infantil é presente em quase todos os personagens, porém ele é mais evidente nas falas das crianças, onde foi percebido que poucas vezes o egocentrismo evoluiu para algo maior como um conflito agressivo entre os personagens, diferentemente do filme Tentação fatal.

Se em “A fantástica fábrica de chocolate” o egocentrismo ficou mais evidente na linguagem das crianças sem passar para situações de conflito e agressão física,

no filme “Tentação fatal” o egocentrismo dos alunos passou a ser considerado como sociocentrismo, visto que eles agiam sempre em conjunto e o pensamento e as ideias do grupo passaram a ser a única verdade aceita por eles, por isso queriam a todo custo se livrar da culpa. A partir disso, o sociocentrismo do grupo transformou-se em conflito, agressão física, chantagens e ameaças a professora, configurando uma situação de muita violência no qual o egocentrismo passou de uma linguagem falada para algo que colocou a vida, tanto da professora como dos alunos, em risco.

Comparando a sala de aula com o universo fictício das tramas, é possível afirmar que situações como estas acontecem e muito no ambiente escolar, e também fora dela, pois entende-se que na maioria das obras cinematográficas é retratado aquilo que é reflexo da sociedade e a educação é um âmbito indispensável para a formação de uma nova sociedade.

No entanto, como fazer para que as situações de conflito e a violência não impeçam a ampla formação dessa nova sociedade? Como trabalhar o egocentrismo e dar uma formação ampla para as crianças desenvolverem relações sociais mais afetivas e empáticas durante sua vida escolar?

#### **4.3 Contribuições para uma ampla formação nas relações sociais entre as crianças**

Para responder as questões levantadas, é fundamental expor que para chegarmos a uma sociedade justa com pessoas que respeitam o próximo e que cooperam para que a educação continue transformando a qualidade de vida atual, é necessário lutar para erradicar as desigualdades sociais que se tornam cada vez mais evidentes com o avanço do capitalismo no mundo, pois como é de conhecimento popular, o extremo acúmulo de riquezas de poucos significa a extrema pobreza para muitos.

Conforme o relatório das Nações Unidas<sup>17</sup> (2020) sobre as desigualdades sociais que assolam o mundo:

De acordo com o relatório, produzido pelo Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da ONU, sociedades muito desiguais são menos

---

<sup>17</sup> Disponível em: <http://www.dmttemdebate.com.br/onu-desigualdade-fecha-as-portas-para-avanco-economico-e-social-no-mundo/#:-:text=Nos%20pa%C3%ADses%20em%20desenvolvimento%2C%20as,para%20escolas%20de%20melhor%20qualidade>. Acesso em: 17 set. 2020.

efetivas na redução da pobreza, crescem mais vagarosamente, dificultam que as pessoas quebrem o ciclo da pobreza e fecham as portas para o avanço econômico e social.

E em outro parágrafo acrescenta:

Nos países em desenvolvimento, as crianças das famílias mais pobres - e aqueles dos grupos étnicos mais vulneráveis - têm experimentado progresso mais lento na frequência escolar do ensino médio do que aquelas de famílias mais ricas, que estão mandando seus filhos para escolas de melhor qualidade. Disparidades e desvantagens na saúde e na educação estão sendo transmitidas de uma geração para outra.

A educação busca formar as novas gerações para conviverem uns com os outros sem fazer uso da violência, porém numa sociedade desigual isso se torna apenas uma utopia longe de se tornar realidade, pois sempre haverá o sentimento de superioridade de uns sobre outros e o egoísmo e o individualismo desses indivíduos serão sempre reforçados por essas desigualdades sociais, continuando a escola a reproduzir violência simbólica tão discutida e alertada por Bourdieu.

Tendo em vista os dados apresentados e pontuados, Bauman (2013, p. 16) chama atenção para as consequências que as desigualdades sociais podem causar nas futuras gerações, segundo ele:

Tenho certeza, contudo, de que a mistura explosiva de crescente desigualdade social e volume cada vez maior de sofrimento humano relegado à condição de "colateralidade" (marginalidade, exterioridade, "removibilidade", de não ser uma parte legítima da agenda política) tem todos os sinais para se tornar, potencialmente, o mais desastroso dos problemas que a humanidade será forçada a confrontar, administrar e resolver no século atual.

Por que é importante apresentar esses dados e outros pontos de vista acerca da desigualdade social? Qual a sua relação com o egoísmo mostrado pelas crianças em suas relações sociais nos espaços da escola? É importante para compreender que a desigualdade social significa a superioridade de uma classe sobre outra, uma classe se alimenta, desfruta de lazer, estuda e se veste bem enquanto a outra classe preocupa-se em como irá colocar o alimento na mesa para sua família, estamos falando da classe rica e da classe pobre.

Simplificando mais ainda, como isso tem impactos na sala de aula, observou-se a partir do estágio supervisionado na educação infantil, que as crianças que tem

uma condição melhor que as outras, que os pais podem atender aos gostos e desejos dos filhos, as crianças fazem questão de assegurar sua superioridade sobre os colegas, tais como nas falas “eu tenho esse brinquedo e você não tem, só eu” “eu vou viajar com a minha família” “o meu caderno é mais bonito que o seu” “eu sou mais forte que você”. Observe que nas falas o “eu” e o “meu” visam sempre assegurar inconscientemente a superioridade delas, configurando uma linguagem egocêntrica, atitudes egocêntricas que dificultam um bom estabelecimento de uma relação social afetiva.

A relação das crianças com outras crianças reflete a realidade que elas vivenciam em seu ambiente familiar, dessa forma enquanto a luta do povo avança por melhores políticas públicas que visem erradicar as desigualdades sociais existente na sociedade atual, a educação continuará construindo um caminho para ensinar seus alunos o respeito, a inclusão, a equidade, a cooperação e a solidariedade. À vista disso, La Taille (1992, p. 20) afirma que:

A cooperação necessária a esse desenvolvimento tem em seu início, segundo Piaget, nas relações entre crianças, daí a simpatia que ele sempre teve pelos trabalhos em grupo como alternativa pedagógica. Mas por que as relações entre as crianças representam o ponto de partida da cooperação? Ora, simplesmente pelo fato de que não há hierarquias preestabelecidas entre as crianças, que se concebem iguais umas às outras. [...] E, naturalmente, uma vez "iniciada" a cooperação pela sua convivência com iguais, a criança tenderá a exigir cada vez mais e de todos que se relacionam com ela desta – contanto, evidentemente, que na sociedade em que vive sejam valorizadas as noções de igualdade e respeito mútuo.

De acordo com a colocação da autora sobre a ideia central de Piaget, entende-se que a cooperação é uma das ações que contribuem para estimular o desenvolvimento cognitivo necessário na construção das relações sociais entre as crianças. Na visão de Vygotsky, a intervenção de um adulto é necessária para conduzir a mediação dessa construção, nesse caso o educador torna-se o mediador mais indicado, visto que as crianças passam mais tempo na companhia do educador e de outras crianças quando estão na escola. Dessa forma Oliveira (1992, p.33) destaca que:

A intervenção pedagógica provoca avanços que não ocorreriam espontaneamente. A importância da intervenção deliberada de um indivíduo sobre outros como forma de promover desenvolvimento articula-se com um postulado básico de Vygotsky: a aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento desde o nascimento da criança. A aprendizagem desperta

processos internos de desenvolvimento que só podem ocorrer quando o indivíduo interage com outras pessoas.

O incentivo a cooperação discutida por Piaget e a intervenção pedagógica defendida por Vygotsky devem fazer parte do plano de ensino das instituições escolares para cultivar nos alunos a cultura de paz, a luta pelos direitos humanos, harmonia, compartilhamento e um dos mais importantes: o respeito pelos diferentes tipos de culturas existentes no mundo. Montessori (2004, p. 9) traz uma reflexão extremamente importante para a formação desses alunos, na questão da cultura de paz, nas palavras da autora:

A tolerância, a capacidade de reconhecer que o outro é, ao mesmo tempo, parecido comigo e digno de minha consideração e radicalmente diferente e digno do mesmo respeito, coloca-se na escala das referências interindividuais assim como na escala entre civilizações e religiões. Não há uma pequena escala para aprender a harmonia, não há pequena escala para aprender tolerância. Aqueles que, com oito anos, no ensino fundamental, aprendem a ser mediadores entre seus colegas serão certamente os que, amanhã, numa outra escala, aprenderão a ser mediadores entre os povos.

De acordo com a reflexão de Montessori, um dos caminhos para o fortalecimento do vínculo afetivo entre as crianças é a convivência com outras crianças, o compartilhamento, brincadeiras que objetivam a socialização, atividades voltadas para o nascimento do companheirismo entre alunos, professores e toda a comunidade escolar.

Em contrapartida a essas orientações para o desenvolvimento afetivo nas relações sociais entre as crianças nas escolas, deve-se ter em mente que na realidade social que vivemos, inúmeras escolas públicas brasileiras, não conseguem oferecer uma socialização adequada entre as crianças. Faltam recursos financeiros, ambiente adequado e material didático de acordo com as necessidades dos alunos, o que vemos são salas desproporcionais para a quantidade de alunos, falta de brinquedos pedagógicos, etc.

Conseqüentemente, o ponto evidenciado remete ao que foi pontuado anteriormente sobre as desigualdades sociais, porém a escola como agente transformador da sociedade, segundo as teorias de Paulo Freire, deve continuar educando seus alunos para transformar essa realidade.

O educador enquanto mediador de conflitos, desenvolvidos entre os alunos, sejam eles causados pelo egocentrismo ou não, deve sempre elaborar juntamente com a equipe pedagógica da escola projetos, exposições, palestras, rodas de conversa sobre a violência, tipos de violência e as consequências destrutiva da violência, atentando-se a todo momento para qual a linguagem que será usada em cada um desses meios de educação, pois é preciso considerar a faixa etária de cada turma e a realidade social daquela comunidade que a escola se localiza, a ainda considerar as etapas da educação infantil e da educação básica.

Sugestões para mediar conflitos na sala de aula e incentivar a socialização, com base em observações e intervenções pedagógicas realizadas no estágio supervisionado na Educação Infantil:

- Não tomar partido de apenas uma criança em uma briga entre elas, pois a outra pensará que o educador não gosta dela, é necessário conversar com as duas sobre o que aconteceu para que não volte a acontecer.
- Não mostrar vínculo afetivo demasiado apenas pelas crianças que demonstram mais interesse nas aulas, criar laços afetivos com todas as crianças, pois cada uma tem seu modo criança de ser e elas enxergam o educador como sua segunda família, em muitos casos até como a primeira, na ausência de uma família que se importe com ela.
- Não dizer para o aluno que ele não pode pedir o lanche do colega, mas sim dizer que o colega que trouxe o lanche deve compartilhar com seus colegas para que quando os colegas trouxerem lanche para a escola, poder compartilhar com ele também.
- Sempre observar se existem brinquedos suficiente para todos brincarem, a fim de evitar a exclusão de alguns na hora das brincadeiras, assim como livros, materiais didáticos entre outros.
- Incentivar a aproximação de alguns alunos com os alunos que tem mais dificuldades de socialização por serem tímidos ou serem alunos com deficiência, lembrando-se que isso deve ser incentivado levemente não devendo ser confundido com forçar uma relação entre os alunos, pois com um leve incentivo eles partem para a ação de socializar com os colegas.

- Pensar atividades lúdicas, brincadeiras, arte, projetos voltados para a valorização da solidariedade, socialização, cooperação e compartilhamento entre alunos e comunidade escolar.
- Incluir as famílias e demais profissionais da equipe escolar em projetos de socialização, brincadeiras e atividades.
- Incentivo da escola a passeios com os alunos fora do ambiente escolar para conhecer outros lugares como bibliotecas, exposição, atrações culturais educativas que contribuam na formação da personalidade dos alunos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciou-se o trabalho de pesquisa, constatou-se que havia a necessidade de pesquisar, estudar, compreender e evidenciar como o contexto de violência no âmbito escolar tem se mostrado como um grande problema para os educadores lidarem na sala de aula, em outros espaços da escola e no âmbito escolar em geral, e ainda também, entender como o egocentrismo infantil está relacionado a alguns dos conflitos que acontecem entre os alunos na sala de aula. À vista disso, a partir do resultado das análises pôde-se contribuir para as futuras pesquisas de outros pesquisadores que queiram expandir seus conhecimentos acerca desse tema, e ainda foi possível também, e entender como a violência no contexto escolar e o egocentrismo infantil estão relacionados com alguns conflitos e discórdias entre os alunos na sala de aula e no contexto escolar em geral.

Diante disso a pesquisa teve como objetivo geral apresentar a teoria do pensamento egocêntrico na perspectiva de Jean Piaget, e também fazer uma análise das atitudes e pensamentos egocêntricos de crianças, adolescentes e adultos, a fim de constatar se as características do egocentrismo infantil interferem, nas relações sociais entre esses grupos que estão em convívio social. Consequentemente, constatou-se que o objetivo geral foi atendido porque efetivamente, o trabalho conseguiu apresentar a teoria, as características, os estágios do egocentrismo infantil e outras teorias relacionadas ao tema que foi proposto. Sendo assim, o trabalho também conseguiu analisar se o egocentrismo infantil interfere, de fato, nas relações sociais entre os indivíduos que estão em convivência em um determinado ambiente social.

O objetivo específico inicial teve como finalidade analisar os tipos de violência que envolvem o contexto escolar, analisar brevemente os conceitos de conflito e infância e relacioná-los com a teoria do pensamento egocêntrico na perspectiva de Jean Piaget. O objetivo específico foi atendido a partir da pesquisa bibliográfica que foi feita e apresentada no capítulo do referencial teórico. O segundo objetivo específico teve como enfoque a reflexão sobre o papel do educador na mediação de conflitos no ambiente escolar, o mesmo foi atendido, também, no capítulo do referencial teórico que reuniu os dois primeiros objetivos específicos.

O terceiro objetivo específico teve como intuito analisar os filmes “A fantástica fábrica de chocolate” e “Tentação fatal” a fim de constatar se o egocentrismo infantil

interfere nas relações sócias entre os indivíduos e quais são os seus impactos no processo de aprendizagem dos mesmos. O objetivo específico foi cumprido através da pesquisa de análise dos filmes e das discussões dos resultados no capítulo de resultados e discussões. Ainda no mesmo capítulo de resultados e discussões, o quarto e último objetivo específico, que teve como finalidade levantar contribuições pedagógicas para a mediação de conflitos entre as crianças na escola, foi efetivado no terceiro e último tópico do capítulo de resultados e discussões.

A pesquisa partiu da hipótese de que alguns conflitos de violência, que foram observados durante o estágio em uma sala de aula da Educação Infantil, aconteceram pelas atitudes egocêntricas que algumas crianças demonstraram em suas relações sociais com os colegas de turma. Durante o trabalho verificou-se que as repetições, ordens, súplicas, ameaças, críticas, zombarias, disputas e discussões são características do egocentrismo infantil, e por esse motivo, quando algumas dessas ações e atitudes na linguagem da criança, adolescente ou adulto são direcionadas para outro indivíduo, acaba sucedendo o choque entre pontos de vistas, sendo esse um problema constatado antes e durante a pesquisa, que interfere nas relações sociais entre os grupos, podendo sair da linguagem socializada para o ato de violência, seja ela física, psicológica ou moral.

A hipótese foi confirmada a partir da análise dos filmes onde foram apresentados os diálogos e as imagens de cada cena revelando as atitudes do egocentrismo infantil e os atos de violência que foram usados para justificar seus atos egoístas. Sendo assim, as perguntas que nortearam essa pesquisa foram respondidas a partir do resultado das análises que confirmaram que o egocentrismo impede que as crianças, adolescentes e adultos estabeleçam relações sociais de respeito e solidariedade entre ambas as partes, dado que as relações sociais civilizadas entre os indivíduos devem ser vistas como elos de ligação para a formação de uma sociedade democrática onde todos podem concordar e discordar livremente, e ainda sim chegar a uma conclusão juntos através de um diálogo socializado sem fazer uso da violência para isso.

Os impactos causados pelo egocentrismo infantil, mostraram-se como um separador na criação de vínculo afetivo entre ambas as partes analisadas, é visível que isso gera um desgaste psicológico nos grupos envolvidos e o emocional desses grupos acaba se abalando com essas atitudes. A partir disso foi questionado como o educador pode mediar esses conflitos no âmbito escolar e a resposta vai além das

metodologias pedagógicas que o educador pode usar na sala de aula, como o incentivo a socialização entre a comunidade escolar e projetos solidários na escola. Saber como mediar os conflitos entre os alunos requer também formação continuada para os professores e os demais profissionais que fazem parte da equipe pedagógica da escola, investigar a realidade social no qual vive cada criança da escola torna-se fundamental para saber qual metodologia pedagógica irá apaziguar aquele problema que foi constatado.

O tipo de metodologia de pesquisa que foi proposto, em função da situação de pandemia global que nos encontramos, poderia ter sido realizado com uma pesquisa mais ampla, onde o trabalho limitou-se apenas a pesquisa bibliográfica e a análise dos filmes e a relação deles com as teorias abordadas. Por esse motivo, essa pesquisa poderá ser expandida por outros pesquisadores em outras pesquisas científicas, indo além do cenário que foi observado, incluindo mais requisitos para a coleta de dados tais como a observação etnográfica, a entrevista com os educadores, com as crianças, as famílias dos alunos entre outras variáveis que podem contribuir para a obtenção de novos resultados acerca desse tema.

É notório, portanto, que ainda existirão muitos entraves a serem resolvidos para minimizar essas situações de violência que permeiam o âmbito escolar, por isso temáticas sobre essa questão são tão importantes de serem estudadas e pesquisadas durante a formação do pedagogo no curso de licenciatura de pedagogia, afinal de contas o pedagogo formado que optar por exercer a sua profissão na sala de aula ou na coordenação pedagógica de uma instituição de ensino, precisará recorrer aos conhecimentos teóricos para auxiliá-lo na resolução de conflitos que ocorrem diariamente no ambiente escolar.

## REFERÊNCIAS

- AARDWEG, Gerard J. M. Van Den. **Terminologia em psicologia**. 2014. Disponível em: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/uploads/alfabeticacomrelacoes06out2014.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2020.
- A FANTÁSTICA fábrica de chocolate. Direção de Tim Burton. Estados Unidos: Warner Bros, 2005. 1 DVD, (115 min).
- ANDRADE, Lucimary Bernabé Pedrosa de. Tecendo os fios da infância. **Educação infantil**, p. 47-77, 2010. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/h8pyf/pdf/andrade-9788579830853-06.pdf>. Acesso em 13 abr. 2020.
- ALVINO, André. Lei 13.718/2018: Divulgar, vídeo de nudez ou cena de sexo passou a ser crime no Código Penal Brasileiro. **Jusbrasil**. Disponível em: <https://andrealvino.jusbrasil.com.br/artigos/637227748/lei-13718-2018-divulgar-foto-video-de-nudez-ou-cena-de-sexo-passou-a-ser-crime-no-codigo-penal-brasileiro>. Acesso em: 12 set. 2020.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **Danos colaterais: desigualdades sociais numa era global**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2002.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Tradução de Reynaldo Bairão. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- BRASIL. **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília - DF, v. 2, p. 1-64, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfparqualvol2.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2020.
- BRASÍLIA. **Estatuto da criança e do adolescente**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/534718/eca\\_1ed.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/534718/eca_1ed.pdf). Acesso em: 29 abr. 2020.
- CABRAL, Álvaro; NICK, Eva. **Dicionário técnico de psicologia**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CAVATON, Maria Fernanda Farah; BARBATO, Silviane. A fala egocêntrica da criança de seis anos na construção coletiva da escrita. **Revista Eletrônica Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa**, v. 6, n. 11, p. 78-

102, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/879/87920789004.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2020.

D'Agostini, Ana Carolina C. **Brasil líder índice de violência contra professores. O que podemos fazer?**. Fonte: Nova Escola, 05 de jun. 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/17609/brasil-lidera-indice-de-violencia-contra-professores-o-que-podemos-fazer>. Acesso em: 11 set. 2020.

DE ASSIS, Simone Gonçalves; MARRIEL, Nelson de Souza Motta. Reflexões sobre Violência e suas Manifestações na Escola. In: DE ASSIS, Simone Gonçalves *et al.* (Org.). **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/Editora Fiocruz, 2010.

Declaração Universal dos Direitos Humanos. **Unicef**. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 29 abr. 2020.

DE FARIA, Anália Rodrigues. **O pensamento e a linguagem da criança segundo Piaget**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

DE MACEDO, Neusa Dias. **Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para fundamentação do trabalho de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

DO NASCIMENTO, Cláudia Terra; BRANCHER, Vantoir Roberto; DE OLIVEIRA, Valeska Fortes. A construção social do conceito de infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas. **Revista Contexto & Educação**, v. 23, n. 79, p. 47-63, 2008. Disponível em: <https://revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1051>. Acesso em: 15 abr. 2020.

DOS SANTOS, Lana Ermelina da Silva; FERRIANI, Maria das Graças Carvalho. A violência institucional em creches e pré-escolas sob a ótica das mães. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 62, n. 1, p. 45-50, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2670/267019601008.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2020.

DURKHEIM, Émile. **A educação moral**. Tradução de Raquel Weiss. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

**Estatuto da criança e do adolescente**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/534718/eca\\_1ed.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/534718/eca_1ed.pdf). Acesso em: 29 abr. 2020.

FERNANDES, Claudia Mascarenhas. **A criança em cena: o infantil e a perversão**, a. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

FONZAR, Jair. Piaget: do egocentrismo (História de um conceito). **Educar em Revista**, n. 5, p. 81-103, 1986. Disponível em:

[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40601986000100006&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40601986000100006&script=sci_arttext). Acesso em: 02 abr. 2020.

GALASTRI, Leandro Oliveira. A violência política no pensamento de Antonio Gramsci (Quaderni del carcere: 1929-1935). **Revista de Ciências Sociais: RCS**, v. 50, n. 2, p. 257-289, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7008618>. Acesso em: 15 abr. 2020.

Gênesis 4. **Bíblia Online**. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/4>. Acesso em: 17 abr. 2020.

GIDDENS, Anthony.; SUTTON, Philip W. **Conceitos essenciais da sociologia**. Tradução de Claudia Freire. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2017. *E-book*. Disponível em: <https://lelivros.love/book/baixar-livro-conceitos-essenciais-da-sociologia-anthony-giddens-em-pdf-mobi-ou-ler-online/>. Acesso em: 28 mar. 2020.

KRAMER, Sônia (Org.). **Com a pré-escola nas mãos**: uma alternativa curricular para a educação infantil. 14. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

Laico. **Dicio**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/laico/>. Acesso em: 23 abr. 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LA TAILLE, Yves de. O lugar da interação social na concepção de Jean Piaget. In: LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

MACIEL, Maria Regina et al. La infancia en Piaget y el infantil en Freud: temporalidad y moralidades. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 20, n. 2, p. 329-338, 2016. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572016000200329&script=sci\\_abstract&lng=es](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572016000200329&script=sci_abstract&lng=es). Acesso em: 30 abr. 2020.

Masoquismo. **Dicio**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/masoquismo/>. Acesso em: 13 set. 2020.

MEIER, Marcos; GARCIA, Sandra. **Mediação da aprendizagem**: contribuições de Feuerstein e de Vygotsky. Curitiba: Edição do Autor, 2007.

MELLO, Suely Amaral. A Escola de Vygotsky. In: CARRARA, Kester (Org.). **Introdução à psicologia da educação**. São Paulo: Editora Avercap, 2003.

MONTESSORI, Maria. **Educação E a Paz**. Tradução de Sonia Maria Alvarenga Braga. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2004.

MOORE, Christopher W. **O processo de mediação: estratégias práticas para a resolução de conflitos**. Tradução de Magda França Lopes. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: s. n., 1955.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky e o Processo de Formação de Conceitos. In: LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

ONU: desigualdade fecha as portas para avanço econômico e social no mundo. **dmt em debate**. Disponível em: <http://www.dmtemdebate.com.br/onu-desigualdade-fecha-as-portas-para-avanco-economico-e-social-no-mundo/#:~:text=Nos%20pa%C3%ADses%20em%20desenvolvimento%2C%20as,para%20escolas%20de%20melhor%20qualidade>. Acesso em: 17 set. 2020.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Tradução de Álvaro Cabral, Christiano M. Oiticica. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

PISACCO, Nelba Maria Teixeira *et al.* **A mediação em sala de aula sob a perspectiva de Feuerstein: uma pesquisa-ação sobre a interação professor-aluno-objeto da aprendizagem**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2006. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/1285>. Acesso em: 18 fev. 2020.

QUINQUIOLO, Natalia. O Papel do Professor como Mediador de Conflitos entre Crianças da Educação Infantil. **Revista Ciências Humanas - Educação e Desenvolvimento Humano - UNITAU**, v. 10, n. 1, 18. ed., p. 116-125, 2017. Disponível em: <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/331>. Acesso em: 22 abr. 2020.

Réseau Maison des Petits. **Unige**. Disponível em: <https://www.unige.ch/maisondespetits/> Acesso 30 abr. 2020.

RISTUM, Marilena. Violência na escola, da escola e contra a escola. In: DE ASSIS, Simone Gonçalves *et al.* (Org.). **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/Editora Fiocruz, 2010.

RIZZI, Claudia Brandelero; COSTA, Antônio Carlos da Rocha. O período de desenvolvimento das operações formais na perspectiva piagetiana: aspectos mentais, sociais e estrutura. **Educere-Revista da Educação da UNIPAR**, v. 4, n. 1, 2004. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/educere/article/view/178>. Acesso em: 13 abr. De 2020.

ROHLING, Marcos. Durkheim, Rawls e a educação moral. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 71, 2017. Disponível em:

[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782017000400215&script=sci\\_abstract&lng=es](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782017000400215&script=sci_abstract&lng=es). Acesso em: 21 abr. 2020.

Sádico. **Dicio**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/sadico/>. Acesso em: 30 abr. 2020.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**: com aquarelas do autor. Tradução de Dom Marcos Barbosa. 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

SASSO, Bruna Assem; MORAIS, Alessandra de. O egocentrismo infantil na perspectiva de Piaget e representações de professoras. **Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, p. 24-51, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/114801>. Acesso em: 30 abr. 2020.

SHIRAHIGE, Elena Etsuko; HIGA, Marília Matsuko. A contribuição da psicanálise à educação. In: CARRARA, Kester (Org.). **Introdução à psicologia da educação**. São Paulo: Editora Avercap, 2003.

TENTAÇÃO fatal. Direção de Kevin Williamson. Estados Unidos: Miramax Films, 1999. 1 DVD (90 min).

UNICEF et al. **A educação que protege contra a violência**. 2019. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/educacao-que-protege-contra-violencia>. Acesso em: 17 abr. 2020.

VALENÇA, José Telmo. Egocentrismo piagetiano: o conceito piagetiano de egocentrismo, sob a perspectiva percepto-espacial, como função da idade, do nível sócio-econômico e dos procedimentos experimentais. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 1, n.1, 1983, p. 51-76. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/10604>. Acesso em: 20 mar. 2020.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil**. Artmed Editora, 2009.